

Inácio José Bessa Pires
Airton Saboya Valente Júnior
Jânia Maria Pinho Sousa
(Coordenadores)

***AVALIAÇÃO DE IMPACTOS DO FUNDO
CONSTITUCIONAL DE FINANCIAMENTO DO
NORDESTE (FNE)***

GERAÇÃO DE EMPREGOS
PERÍODO: 2000-2005

**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento

Presidente:

Roberto Smith

Diretores:

João Emílio Gazzana

Luiz Carlos Everton de Farias

Luiz Henrique Mascarenhas Corrêa Silva

Oswaldo Serrano de Oliveira

Paulo Sérgio Rebouças Ferraro

Pedro Rafael Lapa

Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – ETENE

Superintendente: José Sydrião de Alencar Júnior.

Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

Gerente: Biágio de Oliveira Mendes Júnior

Célula de Avaliação de Políticas e Programas (CAPP)

Gerente: Jânia Maria Pinho Sousa

Equipe Técnica do ETENE:

Jane Mary Gondim de Souza

Osias Pereira da Silva

Paulo Dídimo Camurça Vieira

Consultor Externo:

Leôncio José Bastos Macambira Júnior

Editor: Ademir Costa

Revisão Vernacular: Hermano José Pinho (Bibliotecário)

Normalização Bibliográfica: Paula Pinheiro da Nóbrega

Diagramação: Deborha Rodrigues

Mais informações:

Internet: <http://www.bnb.gov.br>

Cliente Consulta: 0800.7283030

Tiragem: 500 exemplares

Depósito Legal junto à Biblioteca Nacional conforme a Lei 10.994 de 14/12/2004

A945a Avaliação de impactos do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE): geração de empregos: período 2000-2005 / Inácio José Bessa Pires, Ayrton Saboya Valente Júnior, Jânia Maria Pinho Sousa, coordenadores. - Fortaleza : Banco do Nordeste do Brasil, 2009. (Série Avaliação de Políticas e Programas do BNB n. 2)
88 p.
ISBN 978.85.7791.060-1

1. Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste. 2. Financiamento. 3. Emprego. I. Pires, Inácio José Bessa. II. Valente Júnior, Ayrton Saboya. III. Souza, Jânia Maria Pinho. IV. Título. V. Série.

CDD: 331.1

Conselho Editorial

José Sydrião de Alencar Júnior
Nívia de Oliveira Galindo Almeida
Francisco das Chagas Farias Paiva
José Maurício de Lima da Silva
Ozeas Duarte de Oliveira
Jânia Maria Pinho sousa
José Maria Marques de Carvalho
Airton Saboya Valente Júnior
Biágio de Oliveira Mendes Júnior
Paulo Dídimo Camurça Vieira
Ademir Costa



APRESENTAÇÃO

O Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE) é um instrumento de política pública federal operado pelo Banco do Nordeste, que objetiva contribuir para o desenvolvimento econômico e social do Nordeste, através da execução de programas de financiamento aos setores produtivos, em consonância com o plano regional de desenvolvimento, possibilitando, assim, a redução da pobreza e das desigualdades.

Provido de recursos federais, o FNE financia investimentos de longo prazo e, complementarmente, capital de giro ou custeio. Além dos setores agropecuário, mineral, industrial e agroindustrial, também são contemplados com financiamentos o turismo, comércio, serviços, cultura e a infraestrutura econômica da Região. Os recursos do Fundo representam ingressos permanentes para o Nordeste contribuindo para a oferta de recursos de médio e longo prazos para o desenvolvimento regional, em especial, do semiárido nordestino. Podem ser beneficiários do FNE produtores, empresas, associações e cooperativas de produção.

Atualmente, o FNE atende aos municípios situados nos nove estados que compõem a região Nordeste e no norte dos estados do Espírito Santo e Minas Gerais, incluindo os Vales do Jequitinhonha e do Mucuri.

O Fundo é operacionalizado respeitando as diretrizes legais de destinação de pelo menos metade dos recursos para o semiárido, ação integrada com as instituições federais sediadas na Região, tratamento preferencial aos mini e pequenos empreendedores, preservação do meio ambiente, conjugação do crédito com a assistência técnica, democratização do acesso ao crédito e apoio às atividades inovadoras.

Considerando a importância do FNE, o Banco do Nordeste, através do seu Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste-ETENE, elaborou uma metodologia de avaliação de resultados e impactos dessa fonte de recursos. Referida metodologia estabelece a realização de um conjunto de estudos e pesquisas inter-relacionados, de forma que se possam auferir os resultados e impactos desse Fundo Constitucional e assim responder às demandas dos acionistas da Instituição, de órgãos fiscalizadores da administração pública brasileira, além da própria sociedade, para que o BNB inclua indicadores, processos e sistemas avaliativos no gerenciamento do FNE.

O trabalho, elaborado pela Coordenação de Avaliação de Políticas e Programas do BNB-Etene, contando com o suporte de consultoria externa, tem como foco o cálculo e determinação do número de empregos formais gerados pelos empreendimentos financiados pelo FNE, bem como a identificação das atividades econômicas em que os postos de trabalho foram criados, constituindo-se em importantes instrumentos de avaliação dessa fonte de financiamento.

O presente estudo representa o segundo volume de uma série de trabalhos sobre a avaliação dos impactos dos programas operacionalizados pelo BNB, no qual apre-

sentar um panorama do estoque de emprego no Brasil, Regiões e estados do Nordeste, além de avaliar o impacto dos investimentos do FNE na geração de empregos formais, ao longo do período de 2000 a 2005.

Dessa forma, é com satisfação que o BNB disponibiliza mais um trabalho desenvolvido pelo ETENE, contribuindo assim, não somente para mensurar os resultados e impactos do FNE, bem como para disseminar técnicas de avaliação de programas de crédito.

José Sydrião de Alencar Junior

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	09
LISTA DE QUADROS	09
RESUMO	15
INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1: ASPECTOS METODOLÓGICOS	17
1.1-Crescimento Relativo do Estoque de Emprego	17
1.2-Impacto dos Investimentos na Geração de Emprego	18
CAPÍTULO 2: MERCADO DE TRABALHO: 2000 a 2005	21
2.1-Estoque de Emprego no Brasil e Regiões do País	21
2.2-Estoque de Emprego nos Estados da Região Nordeste	22
2.3-Estoque de Emprego nos Estados do Nordeste, segundo os Setores de Atividade Econômica	23
2.4-Estoque de Empregos, por Setor de Atividade e Sexo	25
2.5-Rendimentos do Emprego	27
2.6-Rendimentos do Emprego, Segundo os Estados do Nordeste	29
2.7-Rendimentos do Emprego, de Acordo com o Gênero	30
2.8-Variação do Nível de Emprego no Brasil e Regiões do País	33
2.9-Variação do Nível de Emprego nos Estados da Região Nordeste	35
2.10-Variação do Nível de Emprego na Região Nordeste, por Setor de Atividade Econômica	36
2.11-Variação do Nível de Emprego nos Estados do Nordeste, por Setor de Atividade Econômica	37
2.12-Admissões, segundo as Faixas de Salário, Idade e Gênero	40
2.13-Admissões nos Estados do Nordeste, segundo as Faixas de Salário	45
CAPÍTULO 3: IMPACTO DOS INVESTIMENTOS DO BNB NO NÍVEL DE EMPREGO: 2000 a 2005	48
3.1-Empregos nos Estados do Nordeste: Empresas Financiadas e Total de Empresas	48
3.2-Impacto dos Investimentos na Geração de Emprego	54

CAPÍTULO 4: IMPACTO DOS INVESTIMENTOS DO FNE NO NÍVEL DE EMPREGO	65
4.1-Empregos nos Estados do Nordeste: Empresas Financiadas e Total de Empresas	65
4.2-Impacto dos Investimentos na Geração de Emprego	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Empregos Formais, em 31/12, por Região/Brasil – 2000-2005 ...	22
Tabela 2 – Empregos Formais, em 31/12, segundo os Estados do Nordeste – 2000-2005	23
Tabela 3 – Empregos Formais, em 31/12, por Setor de Atividade Econômica, segundo os Estados do Nordeste – 2000-2005	24
Tabela 4 – Empregos Formais em 31/12, segundo o Gênero, por Setor de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2005	26
Tabela 5 – Rendimentos do Emprego Formal, em 31/12, por Faixas de Salário Mínimo – Região Nordeste – 2000-2005	28
Tabela 6 – Medidas de Posição dos Rendimentos do Emprego, em Salários Mínimos, em 31/12 – Região Nordeste – 2000-2005	29
Tabela 7 – Representação Relativa dos Rendimentos do Emprego, nas Faixas de até 1,5 e Acima de 10 Salários Mínimos, e as Medidas de Posição da Distribuição, em 31/12 – Estados do Nordeste – 2000-2005	31
Tabela 8 – Rendimentos do Emprego de acordo com o Gênero, em 31/12 – Região Nordeste – 2000-2005	32
Tabela 9 – Medidas de Posição dos Rendimentos do Emprego (em Salários Mínimos), Segundo o Gênero, em 31/12 – Região Nordeste – 2000-2005	33
Tabela 10 – Saldo do Emprego Formal, segundo as Regiões do Brasil – 2000-2005	34
Tabela 11 – Índice de Base Fixa (Ano de 2000) do Saldo do Emprego Regiões / Brasil – 2000-2005	34
Tabela 12 – Saldo dos Empregos Formais, por Estado – Estados do Nordeste – 2000 – 2005	35
Tabela 13 – Variação do Nível de Emprego, segundo o Setor de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2005	36
Tabela 14 – Saldo do Emprego Formal, segundo as Atividades Econômicas Estados do Nordeste – 2000-2005	38
Tabela 15 – Admissões, segundo as Faixas de Salário – Região Nordeste – 2000-2005	42
Tabela 16 – Salário de Admissão, segundo a Faixa Etária – Região Nordeste – 2000-2005	43
Tabela 17 – Admissões, segundo as Faixas de Salário, por Gênero – Região Nordeste – 2000-2005	44

Tabela 18 – Medidas de Posição dos Salários de Admissão, segundo o Gênero – Região Nordeste – 2000-2005	45
Tabela 19 – Admissões, segundo a Representação Relativa nas Faixas de até 1,5 e acima de 10 Salários Mínimos, e as Medidas de Posição Atinentes ao Salário de Contratação (em Salário Mínimo) – Estados do Nordeste – 2000-2005	47
Tabela 20 – Estoque de Emprego das Empresas que Receberam Financiamento do BNB e daquelas não-Financiadas – Estados do Nordeste – 2000-2005	49
Tabela 21 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo BNB, das não-Financiadas e o do Total das Empresas – 2000-2005	50
Tabela 22 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas que Receberam Financiamento do BNB, daquelas não-Financiadas e o do Total das Empresas – Estados do Nordeste – 2000-2005	51
Tabela 23 – Índice Acumulado do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo BNB, das não-Financiadas e o do Total das Empresas, segundo os Subsetores de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2005	53
Tabela 24 – Estoque de Emprego nas Empresas que Receberam Financiamento do BNB – Estados do Nordeste – 2000-2005	55
Tabela 25 – Índice Acumulado do Crescimento do Estoque de Emprego, segundo o Total de Empresas e as Financiadas pelo BNB – Estados do Nordeste – 2000-2005	56
Tabela 26 – Empresas Financiadas, segundo a Participação Relativa dos Desembolsos, por Estado, Sobre o Total Liberado para toda a Região Nordeste – 2000-2005	57
Tabela 27 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego, por Estado, nas Empresas que Receberam Financiamento do BNB – Estados do Nordeste – 2000-2005	58
Tabela 28 – Empresas Financiadas, segundo a Participação Relativa do Aporte de Desembolsos, por Estado e por Ano – Região Nordeste – 2000-2005	59
Tabela 29 – Estoque de Emprego, por Setor de Atividade Econômica de todas as Empresas da Região Nordeste e daquelas Financiadas	60
Tabela 30 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego do Total das Empresas e o das Empresas Financiadas, segundo os Setores de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2005	61

Tabela 31 – Composição do Desembolso, segundo os Setores de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2005	61
Tabela 32 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego, de acordo com os Setores de Atividade Econômica e os Estados, segundo as Empresas Financiadas pelo BNB – Região Nordeste – 2000-2005	62
Tabela 33 – Composição do Desembolso entre os Setores de Atividade Econômica, Segundo os Estados do Nordeste – 2000-2005	63
Tabela 34 – Estoque de Emprego das Empresas que Receberam Financiamento do FNE e daquelas não-Financiadas – Estados do Nordeste – 2000-2005	66
Tabela 35 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo FNE, das não-Financiadas e o do Conjunto de todas as Empresas – 2000-2005	68
Tabela 36 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas que Receberam Financiamento do FNE, daquelas não-Financiadas e do Conjunto de todas as Empresas – Estados do Nordeste – 2000-2005	69
Tabela 37 – Índice Acumulado do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo FNE, das não-Financiadas e do Total das Empresas, segundo os Subsetores de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2005	71
Tabela 38 – Índice Acumulado do Crescimento do Estoque de Emprego, segundo as Empresas Financiadas pelo FNE, as não-Financiadas e o Total das Empresas – Estados do Nordeste – 2000-2005	73
Tabela 39 – Empresas Financiadas pelo FNE, segundo a Participação Relativa dos Desembolsos, por Estado, Sobre o Total Liberado para toda a Região Nordeste – 2000-2005	74
Tabela 40 – Empresas Financiadas pelo FNE, segundo a Participação Relativa do Aporte de Desembolsos, por Estado e por Ano – Região Nordeste – 2000-2005	75
Tabela 41 – Estoque de Emprego, por Setor de Atividade Econômica, de todas as Empresas da Região Nordeste e daquelas Financiadas pelo FNE – 2000-2005	77
Tabela 42 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego do Total das Empresas e o das Empresas Financiadas pelo FNE, segundo os Setores de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2005	78

Tabela 43 – Composição do Desembolso do FNE, segundo os Setores de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2005	78
Tabela 44 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego, de acordo com os Setores de Atividade Econômica e os Estados, segundo as Empresas Financiadas pelo FNE – Região Nordeste – 2000-2005	79
Tabela 45 – Composição dos Desembolsos do FNE entre os Setores de Atividade Econômica, segundo os Estados do Nordeste – 2000-2005	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Primeira e Segunda Posições de Maior Frequência do Índice Acumulado do Estoque de Emprego e da Variação do Desembolso – Estados do Nordeste – 2000-2004	64
Quadro 2 – Primeira e Segunda Posições de Maior Frequência do Índice Acumulado do Estoque de Emprego e da Variação do Desembolso – Estados do Nordeste – 2000-2004	82



RESUMO

Numa leitura sobre o nível de emprego e no tocante aos rendimentos do trabalho no período de 2000 a 2005, conferem-se alguns aspectos de destaque, dentre estes, o crescimento do número de pessoas ocupadas com vínculo empregatício, o que, em nível nacional, significa a geração de 7.009.988 novos postos formais de trabalho, dos quais 1.433.740 para a região Nordeste, destacando-se os estados da Bahia com 419.647 empregos; Ceará, 229.068 empregos, e Pernambuco, com a geração de 212.519 novos postos de trabalho. Sobre os rendimentos, registra-se um cenário desfavorável, na medida em que se acusa um crescimento de 35,04% no número de pessoas empregadas, que auferem, no máximo, 1,5 salário mínimo e onde os rendimentos médios dos empregados declinam de 2,18 salários mínimos, no ano de 2000, para 1,6 salário mínimo no de 2005. Especificamente sobre o saldo de emprego com carteira assinada, em nível de Brasil, o número de admissões supera o de demissões em 5.433.479 postos de trabalho, destacando-se, neste contexto, as regiões Sudeste com 2.972.479 empregos; Sul, 1.066.667 empregos, e Nordeste, com um saldo de 762.165 empregos. Apesar desse cenário favorável, é preocupante o ritmo decrescente dos salários de admissão, posto que, em cinco anos, o número de pessoas que ingressaram no mercado de trabalho com até 1,5 salário mínimo cresceu de 58,62%, em 2000, para 68,35% em 2005, destacando-se, por outro lado, a participação daqueles que são contratados com mais de 20 salários mínimos, cuja participação declina 82,46%. Após a avaliação do crescimento do nível de emprego, trata-se da análise do impacto dos investimentos do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) na geração de novos postos formais de trabalho. Cotejando-se os resultados da evolução do nível de emprego das empresas financiadas, das não-financeiadas e os do total das empresas, confirma-se que os investimentos aplicados pelo BNB contribuíram sobremaneira para o crescimento do nível de emprego nos estados da região Nordeste, nos vários subsetores de atividade econômica. Por último, ainda como objeto deste trabalho, avaliam-se os impactos dos investimentos do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE) na geração de empregos em toda a região Nordeste. Numa abordagem final dos resultados, tendo-se como referência todo o aporte de investimento do BNB, constata-se que foram gerados nas empresas beneficiadas 83.845 novos postos formais de trabalho ao longo do período de 2000 a 2005, reproduzindo um índice de crescimento acumulado de 168,42. Por outro lado, partindo-se apenas dos investimentos aplicados pelo FNE, o saldo de emprego foi de 83.518, porém com uma intensidade de ascendência, reproduzida por um índice acumulado da ordem de 203,74 (Tabela 34). Qual será a explicação deste resultado se o montante dos investimentos do FNE está contido no do BNB, isto é, com um menor número de empresas beneficiadas e um menor aporte de recursos? Em hipótese, tem-se como justificativa a possibilidade de o FNE estar aplicando os recursos em empresas mais intensivas de mão-de-obra. Esta hipótese também se consolida a partir da análise do impacto dos

investimentos do BNB e do FNE ao longo do período de 2000 a 2004 quando, apesar de o conjunto das empresas financiadas pelo Banco do Nordeste apresentar maior crescimento absoluto do estoque de emprego, no tocante ao índice acumulado do período acusa-se no conjunto das empresas financiadas pelo FNE superioridade da ordem de 174,40%.

INTRODUÇÃO

Descrevem-se inicialmente o nível de ocupação formal da economia e os rendimentos do trabalho no período de 2000 a 2005, em termos de Brasil, regiões e estados do Nordeste. As fontes de informações utilizadas foram a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), ambas do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

A partir das informações disponíveis, desenvolveram-se dois itens: o primeiro, relativo ao emprego com vínculo empregatício e aos rendimentos do trabalho, onde as informações foram trabalhadas com base na RAIS, e o segundo, especificamente sobre o saldo do nível de emprego com carteira assinada, que corresponde aos movimentos do CAGED (admissões – desligamentos) e mais uma avaliação dos salários de admissão, levando-se em consideração as variáveis faixa etária e gênero.

Após a análise do crescimento do estoque de mão-de-obra e do nível de emprego na região Nordeste, trabalha-se o impacto dos investimentos aplicados pelo Banco do Nordeste do Brasil (BNB), e do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), na geração de novos postos formais de trabalho. Para tanto, adotam-se como base empírica as informações da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), relativas ao estoque de mão-de-obra e mais os valores dos desembolsos efetivos, repassados pelo BNB e pelo FNE, ao longo do período de 2000 a 2005, para todas as empresas da referida Região, segundo os setores de atividade econômica e os respectivos estados. Ademais, para efeito de avaliação, cria-se um grupo de controle formado por todas as empresas financiadas, procedendo-se em seguida uma comparação com os resultados do crescimento do nível de emprego daquelas não-financeiadas e mais no conjunto de todas as empresas da região Nordeste.

Por último, na intenção de melhor avaliar o nível do impacto dos investimentos sobre a geração de empregos, define-se o indicador “variação relativa do nível de emprego”, tendo-se como referência o crescimento acumulado do estoque das empresas financiadas e a do conjunto das empresas não-financeiadas, entendendo-se que esse conjunto é constituído pelas empresas que não demandam recursos do BNB, podendo ter recebido algum financiamento de outras instituições financeiras. Ademais, na identificação se de fato o investimento impactou sobre a geração de emprego, descreve-se a relação entre o índice acumulado do estoque de emprego, de acordo com os setores de atividade econômica e os estados do Nordeste, com a composição dos desembolsos efetivos, organizados em função das mesmas variá-

veis. No final, já numa avaliação definitiva do impacto dos investimentos na geração de emprego, apresenta-se um quadro-síntese, que dispõe a primeira e a segunda posições no tocante à geração de empregos e do aporte de investimentos, indicando a aceitação da hipótese de os investimentos terem contribuído sobremaneira para a geração de empregos formais.

CAPÍTULO 1: ASPECTOS METODOLÓGICOS

Antes de descrever os procedimentos metodológicos no tocante à medição do impacto dos investimentos na geração de empregos, é importante destacar que, inicialmente, no capítulo 2 deste documento, procede-se à análise detalhada da evolução do nível de emprego no período de 2000 a 2005, tendo como referência a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), que são bases de dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Neste contexto, trabalham-se as seguintes variáveis, no período de 2000 a 2005: estoque de emprego no Brasil, regiões e estados do Nordeste; pessoas empregadas, segundo os setores de atividade econômica (extrativa mineral, indústria de transformação, serviços industriais de utilidade pública, construção civil, comércio, serviços, administração pública e agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca), nos anos de 2000 e 2005; rendimentos do trabalho, tratados pelas medidas de posição, nos anos de 2000 e 2005, rendimentos do trabalho, de acordo com o gênero; saldo de emprego¹, por região, setores de atividade econômica, estados do Nordeste, além de admissões de acordo com as faixas de salário nos segmentos dos jovens e adultos, por gênero.

1.1 – Crescimento Relativo do Estoque de Emprego

A medição do crescimento relativo do estoque de emprego foi feita a partir de um índice de base fixa, aplicando-se o seguinte modelo.

$$I_{\text{BASE FIXA}}(\text{ano}_1 ; \text{ano}_J) = (E_1 \div E_J) \times 100$$

Onde:

E_1 : estoque de emprego do ano I = 2001, 2002, 2003, 2004, 2005.

E_J : estoque de emprego do ano J = 2000.

¹ O saldo de emprego corresponde à diferença entre o número de pessoas admitidas e desligadas com carteira assinada.

Durante o tratamento estatístico dos indicadores, ao longo do texto trabalha-se também com uma variação relativa dada por:

$$[(V_{\text{POSTERIOR}} / V_{\text{ANTERIOR}}) - 1] \times 100$$

ou

$$[(V_{\text{ANTERIOR}} / V_{\text{POSTERIOR}}) - 1] \times 100$$

Onde:

V_{ANTERIOR} : valor absoluto no momento anterior.

$V_{\text{POSTERIOR}}$: valor absoluto no momento posterior.

1.2 – Impactos dos Investimentos na Geração de Emprego²

Especificamente no segundo e terceiro capítulos deste documento, trata-se da medição do impacto dos investimentos aplicados, respectivamente, pelo Banco do Nordeste do Brasil (BNB), e pelo Fundo Constitucional de Financiamento (FNE). Neste contexto, a avaliação de resultados das políticas públicas, conforme literatura especializada (DRAIBE, 2002), desenvolve-se em três aspectos distintos; quais sejam:

1. Desempenho ou resultados (em sentido estrito): medição do percentual de cumprimento das metas da política ou programa.
2. Impactos: avaliação das alterações ou mudanças efetivas da realidade em decorrência da área de atuação do programa; e

2 Para a medição do impacto dos investimentos sobre a geração de emprego, trabalham-se duas variáveis; quais sejam, o estoque de emprego formal e o aporte dos desembolsos efetivos, no agregado das pessoas físicas e jurídicas. Apesar de a RAIS não tratar especificamente de pessoas físicas, na avaliação do crescimento do nível de emprego, compilam-se apenas as informações das empresas e, na análise da tendência do crescimento dos desembolsos, incluem-se os valores destinados às pessoas físicas. Esse procedimento, para medir a relação entre o crescimento do emprego e o aporte de investimentos, em hipótese, não deve interferir nos resultados, posto que as pessoas que demandam investimentos o fazem para abrir um pequeno negócio, ou ampliar um já existente, e que, mesmo não empregando trabalhadores com carteira assinada, ou com algum vínculo empregatício, o pequeno empreendimento, muito provavelmente, sofre influências, quando da evolução do emprego formal, no âmbito do mercado de trabalho.

3. Efetivos: outros impactos do programa, esperados ou não, que afetam o meio social e/ou institucional.

No estudo em questão, a análise de desempenho deu-se a partir do acompanhamento dos valores de desembolsos efetivos, tanto do BNB, como também do FNE, ao longo do período de 2000 a 2005. No tocante à avaliação de impacto, mede-se, por exemplo, a ampliação da capacidade produtiva das empresas, nos vários setores de atividade econômica, segundo os estados da região Nordeste, referindo-se, especificamente, ao crescimento no que tange ao número de novos postos de trabalho. Quanto aos efeitos, avaliam-se a partir da geração de novos empregos formais, mesmo considerando a interferência de fatores exógenos no contexto da ampliação do mercado de trabalho decorrentes dos momentos prósperos da conjuntura econômica.

Sob enfoque metodológico, em particular no que se refere aos efeitos da medição dos impactos, poder-se-ia estruturar de forma mais apropriada a partir de uma avaliação em momentos distintos, ou seja, antes da aplicação dos recursos, num determinado conjunto de empresas integrantes das várias atividades econômicas, e num tempo posterior, quando seria possível identificar o crescimento do número de postos de trabalho como resultado da aplicação dos investimentos. Considerando a dificuldade de compor uma base de informações para a geração de estatísticas que viabilizassem a aplicação desse procedimento, optou-se em trabalhar com um grupo de controle, ou seja, a formação de dois eventos mutuamente exclusivos, quais sejam: um conjunto formado pelas empresas que receberam financiamento, e outro, com aquelas que não tiveram aplicações de recursos. É importante mencionar que, metodologicamente, para uma medição adequada dos impactos, constitui-se de fundamental importância a preservação das características dos elementos integrantes dos conjuntos citados e que, no tocante a esse aspecto, os resultados apresentados neste documento foram tratados de forma isolada, procedendo-se uma estratificação por setor de atividade econômica. Evidente que a preservação das características homogêneas estaria equacionada de forma mais precisa se as empresas fossem classificadas por porte. No entanto, considerando a impropriedade de definir esse tamanho em função apenas do número de empregados, haja vista o fato de o nível tecnológico das empresas ter evoluído de forma significativa ao longo dos últimos anos, descaracterizando a correlação direta entre o capital social e o número de empregados, não se adotou este procedimento, posto que, para tanto, seria necessário dispor de informações que tratassem especificamente da conjunção dessas variáveis, o que possibilitaria uma classificação de porte mais adequado.

Sobre o desenvolvimento do processo, tratam-se inicialmente das informações produzidas pela RAIS, do MTE, que fala de todas as relações formais de trabalho no País, desagregada em nível de localidades, empresa e setor de atividade econômica. Na utilização dessa fonte de informações observa-se a evolução do estoque de mão-de-obra no período de 2000 a 2005, levando-se em consideração a desagregação

mencionada anteriormente. A unidade primária de pesquisa foi o estabelecimento, cuja identificação deu-se a partir do CNPJ.

Ainda no tocante às fontes arroladas neste estudo, trabalha-se também com as informações referentes aos desembolsos efetivos decorrentes dos valores do contrato dos investimentos aplicados nas empresas pelo BNB e pelo FNE.

Neste contexto, para formação dos estoques de mão-de-obra das empresas financiadas, toma-se como referência aquelas que, ao longo do período de 2000 a 2005 receberam, no mínimo, uma parcela de desembolso, independente do ano para o qual tenha se dado o desembolso. Caso o desembolso efetuado a determinada empresa tenha ocorrido em anos subsequentes ao ano 2000, consideram-se também os estoques de empregos em todos os anos anteriores ao desembolso. Procedendo-se dessa forma, fica definido um conjunto de tamanho único de empresas beneficiadas, para uma avaliação no que se refere ao impacto dos investimentos na geração de emprego, ao longo do período de 2000 a 2005. Se a formação desse conjunto se desse com a inclusão de empresas, somente no ano de recebimento do primeiro desembolso, no referido período, ter-se-ia um estoque de mão-de-obra que, aparentemente e de forma inconsistente, apontaria para um crescimento do nível de emprego, independentemente deste crescimento ter se dado como resultado dos investimentos aplicados.

Especificamente sobre o conteúdo analítico do segundo e terceiro capítulos deste documento, trabalham-se as informações produzidas pela RAIS e aquelas relativas aos desembolsos, descrevendo-se, nesse contexto, para o período de 2000 a 2005, as variáveis de estoque de emprego das empresas financiadas, o das empresas não-financeiadas, e o do total das empresas, segundo os estados da região Nordeste; composição dos desembolsos por setor de atividade econômica; composição dos desembolsos por setor de atividade econômica e estados da região Nordeste.

Por último, ao longo da análise do segundo e terceiro capítulos, trabalha-se especificamente com a aplicação de números-índices, adotando-se os seguintes modelos:

Índice de Base Móvel

$$I_{\text{ESTOQUE}}(\text{ano}_N; \text{ano}_{N-1}) = (E_N \div E_{N-1}) \times 100$$

Onde

E_N : estoque de emprego do ano $N = 2001, 2002, 2003, 2004, 2005$.

E_{N-1} : estoque de emprego do ano anterior.

Índice Acumulado do Estoque de Emprego

$$(E_N / E_{N-1}) \times (E_{N-1} / E_{N-2}) \times (E_{N-2} / E_{N-3}) \times \\ (E_{N-3} / E_{N-4}) \times (E_{N-4} / E_{N-5}) \times 100$$

Onde:

E_N : estoque de emprego no ano de 2005

CAPÍTULO 2: MERCADO DE TRABALHO: 2000-2005

2.1 – Estoque de Emprego no Brasil e Regiões do País

Avaliando-se o crescimento do emprego ao longo do período de 2000 a 2005, foram gerados, em todo o País, 7.009.988 postos de trabalho. Em termos de estoque de mão-de-obra, existem 26.228.629 vínculos, no ano de 2000, evoluindo para 33.238.617, no ano de 2005. (Tabela 1). Observando estes números, define-se um índice de crescimento acumulado da ordem de 126,73, equivalendo a uma variação de 26,73%. Tomando-se como base a evolução ano a ano, em nível nacional, verifica-se que o maior crescimento deu-se em 2004, quando, comparativamente ao resultado do ano de 2003, o estoque de emprego cresceu 6,30%. Em termos absolutos, conclui-se, a partir da diferença entre o total de empregos em 2005 e o do ano de 2000, que as regiões Sudeste, Nordeste e Sul são as que possuem maior número de pessoas empregadas no setor formal da economia, registrando-se, respectivamente, acréscimos de 3.158.630, 1.433.740 e 1.206.637 novos postos de trabalho. Estes números apontam para o fato de a distribuição dos empregos formais ser proporcional ao tamanho da força de trabalho do País, posto que, numa ordem de tamanho, classificam-se as regiões Sudeste, Nordeste e Sul.

Tabela 1 – Empregos Formais, em 31/12, por Regiões / Brasil – 2000-2005

Regiões	Anos					
	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Norte	1.094.365	1.161.780	1.296.597	1.379.761	1.529.195	1.650.837
Nordeste	4.374.850	4.555.019	4.859.397	5.095.390	5.394.730	5.808.590
Sudeste	14.042.822	14.437.616	15.128.474	15.396.672	16.259.719	17.201.452
Sul	4.625.153	4.859.793	5.075.659	5.256.600	5.632.349	5.831.790
Centro-Oeste	2.091.439	2.175.406	2.323.786	2.416.504	2.591.583	2.745.948
Brasil	26.228.629	27.189.614	28.683.913	29.544.927	31.407.576	33.238.617

Fonte: RAIS.

2.2 – Estoque de Emprego nos Estados da Região Nordeste

Numa análise do crescimento absoluto do emprego, no período de 2000 a 2005, a Tabela 2 aponta como destaque os estados da Bahia (419.647 empregos), Ceará (229.068 empregos) e Pernambuco, com a geração de 212.519 novos empregos.

Medindo o crescimento relativo acumulado do período em questão, alteram-se os estados em destaque, sobressaindo-se o Rio Grande do Norte, 42,89%; o Maranhão, 40,51%; e a Paraíba, com variação de 35,71%. Por outro lado, os de menor expressividade de crescimento são: Pernambuco, 24,07%; Paraíba, 24,09% e Ceará, com representação de 33,15%.

Em síntese, excluindo o Estado do Rio Grande do Norte, onde o estoque de emprego declina no ano de 2002, em comparação a 2001, nos demais estados da região Nordeste o crescimento do número de postos de trabalho dá-se, ano a ano, no período de 2000 a 2005.

Tabela 2 – Empregos Formais, em 31/12, Segundo os Estados do Nordeste – 2000-2005

Estados	Anos					
	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Maranhão	284.793	308.479	329.935	348.761	370.370	400.154
Piauí	205.729	215.157	236.945	247.106	263.183	279.198
Ceará	691.093	724.954	793.312	825.062	860.435	920.161
R. G. do Norte	315.488	337.160	318.971	388.007	421.109	450.797
Paraíba	339.135	359.135	375.537	383.867	396.150	420.835
Pernambuco	883.032	895.415	943.895	962.176	1.022.609	1.095.551
Alagoas	272.183	286.673	311.780	315.691	346.503	367.116
Sergipe	206.054	218.479	239.305	245.111	256.056	277.788
Bahia	1.177.343	1.209.567	1.309.717	1.379.609	1.458.315	1.596.990

Fonte: RAIS.

2.3 – Estoque de Emprego nos Estados do Nordeste, segundo os Setores de Atividade Econômica

Observando-se os números da Tabela 3, constata-se, em valores absolutos, que os setores de atividade econômica de maior empregabilidade, no ano de 2000, são os da administração pública (1.526.055 vínculos), o de serviços (1.177.402 vínculos) e o da indústria (663.942 vínculos). Comparando-se os resultados do ano em questão com os de 2005, mantêm-se a administração pública e os serviços como os setores de maior estoque de mão-de-obra, porém, na terceira posição, sobressai-se o comércio com um total de 900.872 empregos, ou seja, um crescimento da ordem de 43,30% relativamente à quantidade de postos de trabalho existentes no ano de 2000. É importante ressaltar que esse crescimento é superior ao que se deu na administração pública, 32,84%; nos serviços, 31,39% e no setor industrial, que atinge 30,69%.

Numa análise por estado, dos valores relativos aos anos de 2000 e 2005, o Ceará, em termos de estoque de emprego, prepondera somente na indústria, enquanto nos demais setores da atividade econômica desponta a Bahia.

Tabela 3 – Empregos Formais, em 31/12, por Setor de Atividade Econômica, segundo os Estados do Nordeste – 2000-2005

Anos / Estados	Setores de Atividade Econômica							Total
	Indústria	C. Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Adm. Pública	Outros	
2000	663.942	208.622	628.678	1.177.402	169.994	1.526.055	157	4.374.850
Maranhão	25.811	16.764	43.177	72.780	4.466	122.294	01	284.793
Piauí	22.128	11.150	30.917	42.741	3.192	95.601	—	205.729
Ceará	152.789	27.746	93.253	191.781	10.434	215.087	03	691.093
R. G. Norte	48.425	13.812	41.681	73.412	15.529	122.629	—	315.488
Paraíba	53.109	13.052	36.630	70.975	11.751	153.609	09	339.135
Pernambuco	143.817	43.639	126.488	249.369	43.106	276.477	136	883.032
Alagoas	64.393	10.159	32.159	55.622	19.971	89.879	—	272.183
Sergipe	26.634	11.031	29.163	52.720	7.373	79.133	—	206.054
Bahia	126.836	61.269	195.210	368.502	54.172	371.346	08	4.374.850
2005	867.701	233.401	900.872	1.547.012	232.456	2.027.148	—	5.808.990
Maranhão	30.313	17.401	69.217	98.085	11.425	173.713	—	400.154
Piauí	26.029	12.997	45.297	60.727	4.028	130.120	—	279.198
Ceará	190.027	28.372	133.354	263.041	20.987	284.380	—	920.161
R. G. Norte	62.995	19.939	68.772	103.198	21.524	174.369	—	450.797
Paraíba	65.212	12.533	50.983	82.357	15.582	194.168	—	420.835
Pernambuco	176.568	42.469	176.930	316.689	56.305	326.590	—	1.095.551
Alagoas	100.251	12.689	47.063	69.446	10.668	126.999	—	367.116
Sergipe	38.033	13.484	39.496	66.401	7.568	112.806	—	277.788
Bahia	178.273	73.517	269.760	487.068	84.369	504.033	—	1.596.990

Fonte: RAIS.

2.4 – Estoque de Emprego por Setor de Atividade Econômica e Sexo

As empresas da região Nordeste, no ano de 2000, acumularam um estoque de emprego de 4.374.850. Já no ano de 2005 este valor ascende para 5.808.590 vínculos, equivalendo a uma ampliação de 1.433.740 novos empregos, traduzindo um valor médio da ordem de 238.957 novos empregos/ano. Tendo como referência os novos 1.433.740 empregos, respondem por este saldo a administração pública (501.093 empregos), os serviços (369.610 empregos) e o comércio (272.194 empregos), que somam participação da ordem de 79,71%. O setor industrial, que na verdade oferta os empregos de melhor qualidade, foi responsável pela geração de 203.759 empregos, ou seja, 14,21% do total. (Tabela 4).

Apesar de o número absoluto de novos empregos, gerados para o segmento masculino (814.582), no período de 2000 a 2005, ser superior ao das mulheres (619.158), relativamente, o gênero feminino apresenta maior crescimento, sendo de 33,24% contra a participação de 32,43% de novos empregos para os homens.

Ainda sobre o gênero, no período em análise, relativamente o crescimento do emprego é mais expressivo para os homens nos setores comércio (40,71%) e administração pública (37,42%), enquanto para o gênero feminino o comércio ocupa a segunda posição, com elevação de 47,86%, e na primeira posição, a agropecuária, que alcança representação da ordem de 52,43%. (Tabela 4).

Tabela 4 – Empregos Formais em 31/12, segundo o Gênero, por Setor de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2005

Sexo / ano	Setores de Atividade Econômica							Total
	Indústria	C. Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Adm. Pública	Outros	
Masculino								
2000	492.530	197.417	401.310	709.979	152.880	560.924	117	2.512.157
2001	504.243	199.938	409.977	745.758	152.103	592.823	—	2.604.842
2002	546.130	195.126	450.170	788.221	174.279	631.441	—	2.785.367
2003	553.757	182.068	477.983	809.367	196.079	688.157	—	2.907.411
2004	617.626	196.371	422.409	852.283	203.379	698.163	—	3.090.231
2005	652.713	219.254	564.681	912.907	206.369	770.815	—	3.326.739
Feminino								
2000	171.412	14.205	227.368	467.423	17.114	965.131	40	1.862.693
2001	175.043	14.042	237.136	509.118	20.253	994.585	—	1.950.177
2002	187.662	13.360	161.968	543.618	21.275	1.046.147	—	2.074.030
2003	190.892	13.029	278.640	559.742	24.925	1.120.751	—	2.187.979
2004	205.694	12.629	301.347	589.384	25.586	1.165.859	—	2.304.499
2005	214.988	14.147	336.191	634.105	26.087	1.256.333	—	2.481.851
Total								
2000	663.942	208.622	628.678	1.177.402	169.994	1.526.055	157	4.374.850
2001	679.286	213.980	647.113	1.254.876	172.356	1.587.408	—	4.555.019
2002	733.792	208.486	712.138	1.331.839	195.554	1.677.588	—	4.859.397
2003	744.649	195.097	756.623	1.369.109	221.004	1.808.908	—	5.095.390
2004	823.321	209.000	827.756	1.441.667	228.965	1.844.022	—	5.394.730
2005	867.701	233.401	900.872	1.547.012	232.456	2.027.148	—	5.808.590

Fonte: RAIS.

2.5 – Rendimentos do Emprego

Analisando-se os rendimentos do trabalho, os números não apontam para um cenário favorável, posto que, de acordo com a Tabela 5 a seguir, detectam-se situações que caracterizam a perda dos rendimentos, isto é, na faixa de até um salário mínimo a participação evoluiu de 9,18% para 10,52% (crescimento de 14,60%). Ampliando a faixa para até 1,5 salário mínimo, o crescimento é de 37,47% para 50,60%, ou seja, uma evolução de 35,04%. Por outro lado, para os trabalhadores que ganham acima de 20 salários mínimos, registra-se, no período em questão, uma queda de participação da ordem de 47,06%.

De acordo com as declarações de Pochmann (2001, p. 10), publicadas no documento “Padrão de competição e cunha fiscal no Brasil”:

Inquestionavelmente, o período pós-1989 pode ser caracterizado como de achatamento do rendimento, ao contrário do período de tempo anterior, com maior diversificação de remuneração acima de dois salários mínimos. Em síntese, uma fase de expansão da chamada classe média assalariada, imediatamente acompanhada de uma forte desaceleração.

Estas colocações se confirmam a partir das estatísticas da Tabela 5 em questão, visto que em todas as faixas acima de 1,5 a 2,0 salários mínimos declina a participação de trabalhadores. A título de ilustração, retirando do total da distribuição as frequências de rendimento de até 1,5 salário mínimo e a participação dos valores ignorados, registra-se, no ano de 2000, pontuação de 61,76%. Fazendo o mesmo exercício para o ano de 2005, encontra-se o percentual de 48,88%. Que expressam estes números? Em cinco anos, a representação de trabalhadores integrantes das classes sociais média e rica decresceu em, aproximadamente, 20,85%. Considerando uma evolução mais acentuada da presença de pessoas com renda de até 1,5 salário mínimo, no período em questão, conclui-se que a cada ano que passa distanciam-se da minoria dos ricos aqueles da chamada “classe média”, que caminham a passos largos para ter como retorno da venda da sua força de trabalho, nos próximos anos, a continuar essa tendência, um rendimento máximo de até 1,5 salário mínimo, ou seja, R\$ 570,00, caso se considere o valor do salário mínimo de abril de 2007. Qual seria a explicação desse comportamento? A princípio, atribui-se como um dos fatores o crescimento dos empregos mal remunerados e que, apesar de o setor produtivo ter contribuído sobremaneira para a geração de novos postos de trabalho, não mantém o perfil antigo de remuneração diante do excessivo descompasso entre a oferta e a demanda de mão-de-obra, haja vista que, em nível nacional e em média anual, a popu-

lação economicamente ativa cresce 17,00% e a geração de empregos, 13,00%.

Ainda no que se refere aos rendimentos do trabalho, entende-se melhor as colocações anteriores à luz das medidas de posição da distribuição, posto que os valores em salários mínimos mais frequentes declinam de 1,31 para 1,28 (-2,29%) e os rendimentos de, no máximo, 50,00% dos trabalhadores decrescem 21,16%, ou seja, era de 1,89, no ano de 2000, e passa a 1,49, no ano de 2005. Em termos de salário médio, vê-se com mais clareza a perda dos rendimentos do trabalho, na medida em que, ao longo do interstício de 2000 a 2005, essa medida decresce de 26,61%, ou seja, de 2,18 para 1,60. (Tabela 6).

Em síntese, na perspectiva de melhor qualidade de vida para os trabalhadores brasileiros, num futuro próximo urge a necessidade de suprir o mercado de trabalho com oportunidades de emprego de melhor qualidade ou, pelo menos, numa quantidade que reduza o descompasso entre a oferta de mão-de-obra e as novas oportunidades de trabalho.

Tabela 5 – Rendimentos do Emprego Formal, em 31/12, por Faixas de Salário Mínimo – Região Nordeste – 2000-2005

Faixas Sal. Min	2000			2005		
	F i	F i,R	F i, R, A	F i	F i,R	F i, R, A
≤ 0,5	33.855	0,77	0,77	34.376	0,59	0,59
0,5 -- 1,0	367.897	8,41	9,18	576.923	9,93	10,52
1,0 -- 1,5	1.236.978	28,29	37,47	2.328.122	40,08	50,60
1,5 -- 2,0	694.450	15,87	53,34	845.121	14,55	65,15
2,0 -- 3,0	705.853	16,13	69,47	750.032	12,91	78,06
3,0 -- 4,0	359.693	8,22	77,69	397.453	6,84	84,90
4,0 -- 5,0	244.604	5,59	83,28	228.089	3,93	88,83
5,0 -- 7,0	262.108	5,99	89,27	243.218	4,19	93,02
7,0 -- 10,0	166.635	3,81	93,08	151.560	2,61	95,63
10,0 -- 15,0	118.715	2,71	95,79	105.499	1,82	97,45
15,0 -- 20,0	53.629	1,23	97,02	49.889	0,86	98,31
> 20,0	96.597	2,21	99,23	67.693	1,17	99,48
Ignorado	33.836	0,77	100,00	30.615	0,52	100,00
Total	4.374.850	100,00	--	5.808.590	100,00	--

Fonte: RAIS.

Tabela 6 – Medidas de Posição (1) dos Rendimentos do Emprego, em Salários Mínimos, em 31/12 – Região Nordeste – 2000-2005

Medidas	Anos	
	2000	2005
Rendimento Médio	2,18	1,60
Rendimento Mais Frequente	1,31	1,28
Rendimento Máximo de 50,00% dos Ocupados	1,89	1,49

Fonte: Elaboração Própria do Autor, a Partir dos Dados da Tabela 5.

Nota 1: Excluem-se do cálculo os valores ignorados.

2.6 – Rendimentos do Emprego, segundo os Estados do Nordeste

A Tabela 4 aponta para o fato de o mercado de trabalho ter apresentado uma excelente performance no que se refere à geração de novos postos formais, mas que, contrário a este cenário, comporta-se a tendência de crescimento dos rendimentos do trabalhador no período de 2000 a 2005, quando se amplia de 35,04% a participação de pessoas com renda de até 1,5 salário mínimo. (Tabela 5). Por outro lado, para aqueles que auferem acima de 10 salários mínimos, confere-se uma perda da ordem de 37,40%, ou seja, decréscimo de representação de 6,15%, no ano de 2000, para 3,85%, no de 2005. (Tabela 5). Diante destes números, apresenta-se na Tabela 7 a frequência dos rendimentos do trabalho nas faixas de até 1,5 salário mínimo e acima de 10 salários mínimos, e mais as medidas de posição relativas aos anos de 2000 a 2005, segundo os estados do Nordeste. Dentre os estados, relativamente no tocante aos rendimentos do trabalho, destaca-se o de Pernambuco com menor performance, posto que se amplia em 67,71% a participação de trabalhadores com rendimento de até 1,5 salário mínimo, e a representação daqueles com rendimento acima de 10 salários mínimos recua, no período em questão, 43,47%. Os outros dois estados, nos quais prevalece o crescimento do número de pessoas que auferem até 1,5 salário mínimo, são Sergipe (55,25%) e Bahia, com pontuação de 39,82%. Por outro lado, além de Pernambuco, os estados do Ceará (41,22%) e Alagoas (40,82%) destacam-se com a segunda e a terceira maiores representações daqueles cujo rendimento do trabalho passa a ser inferior a 10 salários mínimos. Numa situação mais promissora, sobressaem-se os estados de Sergipe, com menor queda na participação de trabalhadores, com renda acima de 10 salários mínimos, ou seja, 25,15%, e o do Rio Grande do Norte, com crescimento (26,54%) dos que ganham, no máximo, 1,5 salário mínimo.

Observando-se as medidas de posição, confirma-se a menor performance dos rendimentos do trabalho diante de um crescimento significativo do nível de emprego, posto que, excluindo os estados do Piauí, onde o salário mais frequente, no ano de 2005, foi superior ao do ano de 2000, e o de Alagoas, em que não se deu nenhuma

alteração dessa medida, nos demais as estatísticas do ano de 2000 são bem superiores às do ano de 2005, e que, nesse contexto, tomando-se como referência o salário médio, destacam-se os estados do Rio Grande do Norte e Piauí, nos quais o rendimento, apesar de ser menor no ano de 2005, apresenta um menor declínio ao longo do período em análise em comparação ao registrado para os outros estados da região Nordeste.

Em síntese, estes resultados confirmam uma tendência já observada nas décadas de 50 a 80 do século passado, quando a economia brasileira teve as maiores taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e do emprego; porém já circulavam no mundo do trabalho os baixos salários. O economista Celso Furtado, no mês de outubro de 2004, em entrevista editada na revista Nossa História, afirmava que:

Nas décadas 50 a 80 o Brasil andava para frente e para trás, simultaneamente. A economia brasileira avançava nas exportações e importações, e na renda *per capita*, mas, quando se olhava de perto, percebia-se que a renda concentrava-se de tal forma que uma parcela crescente da população estava andando para trás. (FURTADO, 2004, p. 58-63).

Indagado como aceitar isso, Celso Furtado responde:

“A verdadeira economia se observa nas pessoas, nos assalariados. Hoje temos uma situação semelhante. É impressionante como a economia brasileira está criando emprego, mas basicamente empregos de salário reduzido”. (FURTADO, 2004, p. 58-63).

2.7 – Rendimentos do Emprego, de acordo com o Gênero

Tendo-se como referência os rendimentos de até 1,5 salário mínimo, observa-se para os homens, no período de 2000 a 2005, uma participação ascendente de 34,27% para 47,66% (39.07%). Já para o sexo feminino a ampliação do número de vínculos na referida faixa é de 30,32, ou seja, de 41,86% em 2000 para 54,55% no ano de 2005. Este resultado indica, relativamente, que o segmento feminino evolui com menor intensidade à concentração de pessoas na referida faixa, não indicando, com isso, uma situação favorável para as mulheres, posto que, em todas as faixas anteriores à de até 1,5 salário mínimo é maior a participação do sexo feminino naquelas acima dessa faixa. A representação das mulheres é menor que a dos homens. Por outro lado, consolida-se a posição de desvantagem das mulheres quando se constata que nos rendimentos acima de 20 salários mínimos, especificamente no ano de 2005, a participação das mulheres é inferior à dos homens em 48,30%. (Tabela 8).

Tabela 7 – Representação Relativa dos Rendimentos do Emprego, nas Faixas de até 1,5 e Acima de 10 Salários Mínimos, e as Medidas de Posição da Distribuição, em 31/12 – Estados do Nordeste – 2000-2005

Especificação	Estados do Nordeste								
	Maranhão	Piauí	Ceará	R.G.Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe	Bahia
2000									
Até 1,5 sm	40,09	45,24	44,50	45,14	40,82	30,32	41,85	40,78	32,92
Mais de 10 sm	5,58	4,82	5,92	5,35	5,32	6,74	5,39	6,80	6,89
Média	2,16	1,95	1,90	1,71	1,99	2,32	2,00	2,05	2,51
Moda	1,27	1,23	1,28	1,29	1,33	1,39	1,29	1,30	1,32
Mediana	1,86	1,95	1,69	1,57	1,77	2,01	1,76	1,80	2,11
2005									
Até 1,5 sm	51,51	51,88	58,45	51,83	55,02	49,94	50,96	63,31	46,03
Mais de 10 sm	3,45	3,12	3,48	3,93	3,36	3,81	3,19	5,09	4,49
Média	1,59	1,59	1,53	1,58	1,54	1,63	1,59	1,66	1,69
Moda	1,26	1,26	1,26	1,28	1,28	1,25	1,29	1,28	1,28
Mediana	1,48	1,48	1,44	1,48	1,45	1,50	1,49	1,53	1,55

Fonte: RAIS.

Tabela 8 – Rendimentos do Emprego de Acordo com o Gênero, em 31/12 – Região Nordeste – 2000-2005

Faixas Salário Mínimo	Masculino				Feminino			
	2000		2005		2000		2005	
	F i	F i, A	F i	F i, A	F i	F i, A	F i	F i, A
≤ 0,5	0,33	0,33	0,36	0,36	1,37	1,37	0,88	0,88
0,5 -- 1,0	7,08	7,41	8,96	9,32	10,21	11,58	11,24	12,12
1,0 -- 1,5	26,86	34,27	38,34	47,66	30,28	41,86	42,43	54,55
1,5 -- 2,0	16,24	50,51	16,06	63,72	15,38	57,24	12,53	67,08
2,0 -- 3,0	17,20	67,71	13,31	77,03	14,69	71,93	12,38	79,46
3,0 -- 4,0	8,62	76,33	7,10	84,13	7,68	79,61	6,50	85,96
4,0 -- 5,0	5,90	82,23	3,95	88,08	5,17	84,78	3,89	89,85
5,0 -- 7,0	5,81	88,04	4,21	92,29	6,23	91,01	4,16	94,01
7,0 -- 10,0	3,98	92,02	2,59	94,88	3,57	94,58	2,64	96,65
10,0 -- 15,0	2,87	94,89	2,00	96,88	2,44	97,02	1,57	98,22
15,0 -- 20,0	1,41	96,30	1,03	97,91	0,97	97,99	0,62	98,84
> 20,0	2,77	99,07	1,47	99,38	1,45	99,44	0,76	99,60
Ignorado	0,93	100,00	0,62	100,00	0,56	100,00	0,40	100,00
Total	100,00	--	100,00	--	100,00	--	100,00	--

Fonte: RAIS.

Tendo-se como referência a estatística mediana, no interstício de 2000 a 2005 (Tabela 9), registra-se para os homens uma perda de 20,20% e para as mulheres um recuo da ordem de 17,61%. Mesmo cômico de que a média aritmética não é uma estatística de representação adequada para a distribuição em questão, haja vista a elevada dispersão dos números, adotando-a apenas em termos de comparação, confere-se, ao longo do período de análise, uma queda de 25,43% para os homens e de 22,55% para as mulheres. Em resumo, apesar de o registro da perda relativa dos rendimentos, vista a partir das medidas de posição, ser de menor expressividade para as mulheres, admite-se, com os resultados, que elas contribuem de forma mais significativa para o decréscimo dos rendimentos do trabalho no período considerado, posto que, tanto no ano de 2000, como no ano de 2005, o valor de todas as medidas de posição para as mulheres é inferior ao dos homens.

Tabela 9 – Medidas de Posição dos Rendimentos do Emprego (em Salários Mínimos), Segundo o Gênero, em 31/12 – Região Nordeste – 2000-2005

Medidas	Masculino		Feminino	
	2000	2005	2000	2005
Rendimento Médio	2,32	1,73	2,00	1,55
Rendimento Mais Frequente	1,31	1,29	1,28	1,26
Rendimento Máximo de 50,00% dos Ocupados	1,98	1,58	1,76	1,45

Fonte: RAIS

2.8 – Variação do Nível de Emprego no Brasil e Regiões do País

O CAGED, que é um cadastro administrativo do MTE, registra, além de uma série de variáveis que possibilitam traçar o perfil da mão-de-obra empregada com carteira assinada, o saldo de emprego, que corresponde à diferença entre o número de pessoas admitidas e desligadas. Verificando-se os números da Tabela 10, foram gerados, ao longo do período de 2000 a 2005, 5.433.479 empregos com carteira assinada. Considerando-se que em todo o País o estoque de emprego é acrescido de 7.009.988 postos de trabalho, com algum vínculo empregatício, 77,51% são empregos com carteira assinada.

Tratando-se da região Nordeste, que tem a segunda maior força de trabalho do Brasil, a geração de novos empregos ocupa a terceira posição, com um valor acumulado de 762.165 postos de trabalho, representando apenas 14,03% do que foi gerado em todo o País no período em questão. Para a região Sudeste, o saldo do emprego formal tem representação de 54,70% sobre o total gerado, seguida pela região Sul, cuja representação é de 19,63%, ou seja, somente as duas regiões acumulam frequência da ordem de 74,33%, o que corresponde a 4.038.736 postos de trabalho. Por outro lado, em nível nacional, são as regiões Norte e Centro-Oeste as de menor capacidade de geração de postos de trabalho com carteira assinada, posto que somam, no período de 2000 a 2005, uma representação de 11,64% do que foi gerado em todo o País, ou seja, 632.578 empregos.

A Tabela 11 apresenta os índices de base fixa (ano de 2000), determinados a partir dos números da variação do nível de emprego constantes na Tabela 10. Em nível de Brasil, percebem-se, no período de 2000 a 2005, ano a ano, constantes inflexões do saldo de emprego formal, com superioridade do número de admissões sobre o de demissões com carteira assinada, nos anos de 2002, 2004 e 2005, em comparação ao de 2000. Por outro lado, a menor variação dá-se no ano de 2001, com um índice de 89,88%, ou seja, uma perda de 10,12%. Ainda sobre os resulta-

dos em nível nacional, o saldo de emprego destaca-se no ano de 2004, quando o crescimento, em relação ao de 2000, é de 131,64%, seguido pelo valor registrado no ano de 2005, cujo índice é de 190,69.

Numa análise por região, destacam-se o Sudeste (219,51%), o Nordeste (192,12) e o Sul, com um índice de base fixa da ordem de 145,25. Esses números indicam que, relativamente, o crescimento da variação do nível de emprego da região Nordeste é superior ao da região Sul, apesar de a quantidade, em valores absolutos, ser inferior. Por outro lado, mantêm-se com menor performance as regiões Centro-Oeste (116,78) e Norte, com um índice de 137,06.

Tabela 10 – Saldo do Emprego Formal, segundo as Regiões – Regiões do Brasil – 2000-2005

Anos	Regiões					Brasil
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	
	35.549	102.549	359.945	111.714	47.839	657.596
2001	22.162	60.467	295.270	156.014	56.866	590.779
2002	31.240	130.434	391.292	150.718	58.730	762.414
2003	28.886	84.104	318.708	155.732	58.003	645.433
2004	77.413	187.597	816.743	330.221	111.302	1.523.276
2005	48.724	197.014	790.111	162.268	55.864	1.253.981
Total	243.974	762.165	2.972.069	1.066.667	388.604	5.433.479

Fonte: CAGED

Tabela 11 – Índice de Base Fixa (Ano de 2000) do Saldo do Emprego – Regiões do Brasil – 2000-2005

Regiões	Anos					
	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Norte	100,00	62,34	87,88	81,26	217,76	137,06
Nordeste	100,00	58,96	127,19	82,01	182,93	192,12
Sudeste	100,00	82,12	108,71	88,54	226,07	219,51
Sul	100,00	139,65	134,91	139,40	295,60	145,25
Centro-Oeste	100,00	118,87	122,76	121,25	232,66	116,78
Brasil	100,00	89,88	115,94	98,15	231,64	190,69

Fonte: RAIS.

2.9 – Variação do Nível de Emprego nos Estados da Região Nordeste

Os estados da Bahia, Ceará e Pernambuco foram os de melhor performance, na medida em que o saldo acumulado do nível de emprego, ao longo do interstício de 2000 a 2005, alcança, respectivamente, 223.256, 146.451 e 142.033 novos empregos. Somente os três estados citados acumulam 511.740 empregos, representando, sobre o total no período, 67,14%. Por outro lado, os três estados de menor variação do nível de emprego foram: Piauí (21.887), Paraíba (32.153) e Sergipe (34.863).

Numa análise, por ano, da variação do nível de emprego, segundo os estados, a menor performance foi, no ano de 2003, na Paraíba, onde a diferença entre as admissões e os desligamentos alcança – 3.352 postos de trabalho. Contrário a este resultado, desponta, no ano de 2005, o Estado da Bahia, com a geração de 63.952 novos empregos com carteira assinada. Observando-se a variação do nível de emprego no ano de 2005 em comparação ao de 2004, atesta-se comportamento declinante nos estados do Ceará (- 365 empregos), Paraíba (- 1.945 empregos), Alagoas (- 3.977 empregos), e no de Sergipe, em que o número de demissões supera o de admissões em 2.217 postos de trabalho. Por outro lado, o Estado da Bahia apresenta o maior crescimento da variação do nível de emprego, no ano de 2005, em comparação ao de 2004, com a criação de 11.228 novos empregos com carteira assinada.

Tabela 12 – Saldo dos Empregos Formais, por Estado – Estados do Nordeste – 2000-2005

Estados do Nordeste	Anos						Total
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	
Maranhão	3.846	3.633	3.242	6.093	10.039	12.882	39.735
Piauí	2.312	- 156	5.326	1.953	5.890	6.562	21.887
Ceará	17.779	17.081	30.831	18.645	31.240	30.875	146.451
R.G. Norte	8.962	5.865	10.756	7.080	17.992	18.396	69.051
Paraíba	5.005	- 141	7.160	- 3.352	12.713	10.768	32.153
Pernambuco	19.866	13.509	17.173	13.829	37.426	40.230	142.033
Alagoas	11.904	6.731	7.812	10.872	9.682	5.705	52.706
Sergipe	3.244	796	10.836	2.482	9.861	7.644	34.863
Bahia	29.631	13.149	37.298	26.502	52.724	63.952	223.256
Total	102.549	60.467	130.434	84.104	187.597	197.014	762.165

Fonte: CAGED

2.10 – Variação do Nível de Emprego na Região Nordeste por Setor de Atividade Econômica

Tendo-se como referência a variação acumulada do nível de emprego por setor de atividade econômica, destacam-se, na Tabela 13, os setores serviços, com 306.751 novos postos de trabalho, comércio, que acumula 226.337 novos empregos, e indústria, com um valor agregado da ordem de 188.051 empregos. É importante acrescentar que, somando os resultados do comércio e dos serviços, acumula-se um total de 533.088 postos de trabalho, representando 69,93% do resultado referente a toda a região Nordeste. Também numa verificação ano a ano, sobressaem-se os setores mencionados, destacando-se o fato de o ano de 2005 ser o de melhor performance, na medida em que a soma do saldo dos referidos setores (174.316) representa 88,48% dos 197.014 novos postos de trabalhos com carteira assinada criados no ano em questão.

Observando-se todos os setores de atividade econômica, apenas na construção civil (- 5.994 empregos) e na administração pública (- 1.065 empregos), o número de pessoas desligadas superou o de admitidas, gerando com isso uma variação de emprego negativa. Outro fato a destacar é que os setores de extração mineral, indústria de transformação, comércio e serviços foram os que, em todo o interstício de 2000 a 2005, apresentaram variação positiva do nível de emprego, ou seja, o número de pessoas admitidas foi superior ao de desligadas.

Tabela 13 – Variação do Nível de Emprego, segundo o Setor de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2005

Setor de atividade	Anos						Total
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	
Extr. Mineral	873	836	553	1.427	1.171	820	5.680
Ind.Transformação	27.439	9.110	34.214	25.627	59.171	32.490	188.051
Ser. Ind. de Ut. Públ	- 3.238	- 1.090	2.012	453	- 473	2.727	391
Construção Civil	4.105	- 11.732	- 9.646	- 15.729	8.720	18.288	- 5.994
Comércio	26.735	15.156	47.527	26.409	52.682	57.828	226.337
Serviços	33.711	50.111	48.631	31.673	58.627	83.998	306.751
Adm. Pública	878	- 1.840	135	- 84	- 1.442	1.288	- 1.065
Agr. Extr. Vegetal, Caça e Pesca	10.826	- 424	7.034	14.236	9.133	- 429	40.376
Outros / Ignorado	1.398	340	- 26	92	08	04	1.816
Total	102.727	60.467	130.434	84.104	187.597	197.014	762.343

Fonte: CAGED

2.11 – Variação do Nível de Emprego nos Estados do Nordeste por Setor de Atividade Econômica

Os serviços, o comércio e a indústria de transformação, de acordo com os números da Tabela 13, são, nesta ordem, os três setores de atividade econômica, na região Nordeste, que apresentam valores mais expressivos no tocante ao crescimento do nível de emprego, no acumulado do período de 2000 a 2005. Para melhor situar a evolução ascendente da geração de novos postos formais de trabalho, a Tabela 14 a seguir dispõe os resultados para todos os estados do Nordeste, relativos aos anos de 2000 e 2005. Tomando-se como referência somente o ano de 2005, o setor serviços tem destaque nos estados do Maranhão (5.429 empregos), Ceará (14.126 empregos), Rio Grande do Norte (8.664 empregos), Pernambuco (16.948 empregos) Alagoas (3.057 empregos) e Bahia (83.998 empregos). O setor comércio destaca-se nos estados do Piauí (3.436 empregos) e no de Sergipe, com 2.718 novos empregos, enquanto a indústria, que ocupa a primeira posição somente no Estado da Paraíba (3.604 empregos), coloca-se como o terceiro setor de maior geração de empregos, nos estados do Ceará (4.607 empregos), Pernambuco (9.901 empregos), Sergipe (1.928 empregos) e Bahia, com uma variação positiva da ordem de 32.490 novos de trabalhos formais.

Tabela 14 – Saldo do Emprego Formal, segundo as Atividades Econômicas – Estados do Nordeste – 2000-2005

Anos / Atividade	Estados do Nordeste							
	Maranhão	Piauí	Ceará	R.G.Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe
2000								Bahia
Extr. Vegetal	256	08	136	- 80	- 32	- 30	33	104
Ind. Transf.	919	1.039	8.421	2.080	287	341	6.493	833
Ser.Ind. Ut. P.	- 379	- 14	- 806	- 61	- 14	- 1.498	- 153	99
Constr. Civil	607	- 554	- 2.246	- 285	- 455	3.964	961	- 567
Comércio	1.261	2.208	3.932	2.716	79	5.786	1.381	1.210
Serviços	1.627	135	7.098	4.448	2.881	5.700	397	1.361
Adm. Públ.	- 50	15	355	- 256	03	743	96	13
Agr.Extr. Veg. Caça e Pesca	- 519	- 507	830	378	2.236	4.636	2.693	119
Outros / Ignorado	120	- 18	59	22	20	224	03	72
								896

continua

Tabela 14 – Saldo do Emprego Formal, segundo as Atividades Econômicas – Estados do Nordeste – 2000-2005

Anos / Atividade	Estados do Nordeste								conclusão
	Maranhão	Piauí	Ceará	R.G.Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe	
Total	3.846	2.312	17.779	8.962	5.005	19.866	11.904	3.244	29.631
2005									
Extr. Vegetal	18	- 17	- 66	192	87	79	03	87	820
Ind. Transf.	917	722	4.607	1.664	3.604	9.901	- 1.663	1.928	32.490
Ser.Ind. Ut. P.	167	139	311	- 200	128	420	- 77	502	2.727
Constr. Civil	1.291	240	413	2.775	- 167	2.292	1.347	590	18.288
Comércio	4.736	3.436	9.296	5.631	3.230	10.943	2.286	2.718	57.828
Serviços	5.429	2.389	14.126	8.664	3.090	16.948	3.057	2.292	83.998
Adm. Públ.	91	- 13	- 4	51	802	2.302	18	52	1.288
Agr.Extr.Veg.Caça e Pesca.	233	- 334	2.192	- 381	- 07	- 2.655	734	- 528	- 429
Outros / Ignorado	—	—	—	—	01	—	—	03	04
Total	12.882	6.562	30.875	18.396	10.768	40.230	5.705	7.644	63.952

Fonte: CAGED

2.12 – Admissões, segundo as Faixas de Salário, Idade e Gênero

O crescimento do nível de emprego em todo o País, ao longo do período de 2000 a 2005, é contrário à evolução dos rendimentos do trabalho. Esta constatação se expressa nos números da Tabela 5, que trata da distribuição, por faixas de salário mínimo, da composição da renda total dos empregos.

Para melhor elucidar este cenário, é suficiente observar as estatísticas da Tabela 15, onde se dispõem os salários de admissões no período de 2000 a 2005. De acordo com a Tabela 15, se for considerada a faixa de até 1,5 salário mínimo, no ano de 2000, a representação é de 58,62%, evoluindo, em 2005, para 68,35%. Analisando-se as frequências relativas simples, no ano de 2005, atestam-se menores participações, em comparação aos números de 2000, nas faixas a partir da classe de 1,5 a 2,0 salários mínimos.

Para medir essas diferenças, que devem ter influenciado na tendência declinante dos rendimentos do trabalho, ao longo dos últimos seis anos, ao se agregarem, especificamente no ano de 2000, as frequências acima da referida faixa, excluindo o item “ignorado”, acumula-se uma participação da ordem de 40,72%. Procedendo-se da mesma forma com os resultados do ano de 2005, constata-se representação de 31,18%, ou seja, uma perda da ordem de 23,43%. O que expressam estes números? Na verdade, relacionando as informações das Tabelas 5 e 15, admite-se que a perda dos rendimentos do trabalho tem como um dos fatores determinantes os baixos salários de admissão que, a cada ano, acumula um contingente expressivo de trabalhadores que auferem até 1,5 salário mínimo.

Um resultado que merece ser destacado é o registro da queda de participação do número de trabalhadores com salário de admissão na faixa de 0,5 a 1,0 no ano de 2005, em comparação ao de 2000. O que justifica este resultado? A hipótese é que houve um expressivo deslocamento de pessoas da referida faixa para a de valor igual ou inferior a 0,5 salário mínimo, posto que, no período em questão, o crescimento de participação foi da ordem de 80,00%.

Uma outra justificativa é que, pelos números mencionados anteriormente, percebe-se, na verdade, que o crescimento da representação na faixa de 1,0 a 1,5 salário mínimo deve-se ao decréscimo de 23,43% daqueles trabalhadores com salário de admissão nas faixas acima de 1,5 salário, e não à melhoria de valores de contratação de 0,5 a 1,0 para 1,0 a 1,5 salário mínimo. Esta segunda colocação fundamenta-se nos resultados constantes na Tabela 5, em que se constata claramente uma perda significativa nos rendimentos do trabalho.

Ainda com relação aos salários de admissão, a representação das pessoas com valores acima de 20 salários mínimos declina de 0,57%, no ano de 2000, para 0,10%, em 2005, ou seja, redução de 82,46%. A princípio, os números apontam para uma mobilidade descendente, ano a ano, dos trabalhadores da classe média, ou seja, daqueles que ganham acima de 1,5 salário mínimo, na direção da faixa de 0 a 1,5 salário mínimo. Qual seria a explicação destes resultados? Ora, na verdade, além do fato de o excedente de mão-de-obra ser de elevada representação, em razão de o crescimento médio anual da força de trabalho no País ser estimado em 17,00% e o de novas ocupações em 13,00%, pratica-se no mercado de trabalho, notadamente a partir dos últimos anos da década de 1990, a “substituição seletiva de mão-de-obra”, ou seja, a rotação de pessoas já ocupadas por outras mais escolarizadas e mais jovens, mas que, no entanto, aceitam menores salários pela exiguidade da oferta de empregos com carteira assinada.

Este fenômeno, que tem se agravado nos últimos cinco anos, contribui sobremaneira para a precarização dos níveis de remuneração do trabalho. Esta afirmação comprova-se a partir dos números constantes na Tabela 16, tendo como referência o salário de admissão com carteira assinada, segundo as faixas etárias menor ou igual a 29 anos, representando a categoria dos jovens, e aquela maior ou igual a 30 anos, considerada a do segmento dos adultos.

Observando-se as estatísticas da Tabela 13 em questão, percebe-se, inicialmente, que a concentração do salário dos jovens na faixa de até 1,0 salário mínimo evolui de 67,94%, no ano de 2000, para 72,25%, no de 2005, ou seja, crescimento da ordem de 6,34%. No segmento dos adultos acusa-se maior representação, posto que o crescimento na referida faixa é de 22,50% como resultado da elevação de 47,92%, em 2000, para 58,70% em 2005. Por outro lado, na faixa acima de 20 salários mínimos, registra-se, para os jovens, um decréscimo de 83,33% e, para os adultos, de 80,95%. Estes números são indicativos de que no segmento dos jovens a participação daqueles com valores de contratação acima de 20 salários tem apresentado um comportamento descendente mais expressivo, em comparação ao conjunto dos adultos, e que, tanto no ano de 2000 quanto no de 2005, a concentração nas três primeiras faixas de menor salário de admissão é superior à dos adultos.

Tabela 15 – Admissões, segundo as Faixas de Salário – Região Nordeste – 2000-2005

Faixas Sal. Mínimo	2000			2005		
	F i	F i, R	F i, R, A	F i	F i, R	F i, R, A
≤ 0,5	1.799	0,15	0,15	4.154	0,27	0,27
0,5 -- 1,0	199.904	16,89	17,09	119.279	7,70	7,97
1,0 -- 1,5	492.442	41,58	58,62	934.894	60,38	68,35
1,5 -- 2,0	189.795	16,03	74,65	227.313	14,68	83,03
2,0 -- 3,0	155.399	13,13	87,78	155.260	10,03	93,06
3,0 -- 4,0	50.853	4,30	92,08	48.576	3,14	96,20
4,0 -- 5,0	27.420	2,30	64,40	18.699	1,21	97,41
5,0 -- 7,0	21.984	1,86	96,26	15.435	1,00	98,04
7,0 -- 10,0	15.215	1,29	97,55	9.412	0,61	99,02
10,0 -- 15,0	10.164	0,86	98,41	4.964	0,31	99,33
15,0 -- 20,0	4.451	0,38	98,79	1.577	0,10	99,43
> 20,0	6.772	0,57	99,36	1.588	0,10	99,53
Ignorado	7.601	0,64	100,00	7.231	0,47	100,00
Total	1.183.801	100,00	—	1.548.382	100,00	—

Fonte: CAGED

Além dessas colocações, a hipótese levantada anteriormente, no tocante ao fato de os rendimentos do trabalho apresentarem significativa redução ao longo dos últimos anos, tendo como um dos fatores determinantes os menores salários de contratação dos jovens, confirma-se diante do fato de a participação de trabalhadores com idade menor ou igual a 29 anos, no acumulado das frequências acima de 1,5 salário mínimo, excluindo o item “ignorado”, recuar de 31,81%, no ano de 2000, para 24,28% no de 2005, ou seja, - 23,67%, enquanto no segmento dos adultos, procedendo-se o mesmo cálculo, registra-se uma evolução de 51,98%, no ano de 2000, para 40,63% no de 2005, resultando uma perda de representação da ordem de 21,33%. (Tabela 16).

Tabela 16 – Salário de Admissão, segundo a Faixa Etária – Região Nordeste – 2000-2005

Faixas Sal. mín.	2000				2005			
	29 anos ≤		≥ 30 anos		29 anos ≤		≥ 30 anos	
	Fi	FiA	Fi	FiA	Fi	FiA	Fi	FiA
≤ 0,5	0,22	0,22	0,07	0,07	0,34	0,34	0,16	0,16
0,5 -- 1,0	20,38	20,60	12,78	12,85	9,10	9,44	5,75	5,91
1,0 -- 1,5	47,34	67,94	35,07	47,92	65,81	72,25	52,79	58,70
1,5 -- 2,0	15,86	83,80	16,40	64,32	12,46	87,71	17,79	76,49
2,0 -- 3,0	9,07	92,87	18,17	82,49	7,60	95,31	13,43	89,92
3,0 -- 4,0	2,87	95,74	6,07	88,56	2,13	97,44	4,55	94,47
4,0 -- 5,0	1,41	97,15	3,44	92,00	0,89	98,33	1,66	96,13
5,0 -- 7,0	1,17	98,32	2,71	94,71	0,64	98,97	1,50	97,63
7,0 -- 10,0	0,71	99,03	1,99	96,70	0,34	99,31	0,98	98,61
10,0 -- 15,0	0,41	99,44	1,40	98,10	0,16	99,47	0,52	99,13
15,0 -- 20,0	0,13	99,57	0,67	98,77	0,03	99,50	0,20	99,33
> 20,0	0,18	99,75	1,05	99,82	0,03	99,53	0,20	99,53
Ignorado	0,25	100,00	0,18	100,00	0,47	100,00	0,47	100,00
Total	100,00	--	100,00	--	--	100,00	--	100,00

Fonte: CAGED

Dando continuidade à análise, no sentido de identificar o segmento de trabalhadores que auferem os menores salários de admissão, a Tabela 17 apresenta algumas estatísticas que conduzem a essa identificação, numa avaliação por gênero, ao longo do período de 2000 a 2005.

Observando-se isoladamente a faixa de até 0,5 salário mínimo, registra-se no segmento masculino um crescimento de 61,54%. Já para as mulheres essa elevação atinge 90,91%. Na faixa de até 1,0 salário mínimo confirma-se, no ano de 2005, a presença de 10,58% de trabalhadoras contra representação de 7,00% de pessoas do sexo masculino. Prosseguindo para as maiores faixas de salário de admissão, e ainda no ano de 2005, 71,77% de pessoas do sexo feminino ingressam no mercado de trabalho com um valor máximo de 1,5 salário mínimo, enquanto os homens acumulam uma participação de 67,09%. Nas faixas acima de 1,5 salário mínimo,

excluindo o item “ignorado”, no ano de 2005 acusa-se a presença de 27,56%% de mulheres contra 32,52% de trabalhadores do sexo masculino. Por último, para aqueles numa situação privilegiada, ou seja, com salário de contratação superior a 20,0 salários mínimos, compõe-se uma perda, no período de 2000 a 2005, de 79,66% para os homens e de 86,54% para as mulheres. Todos estes números são evidências incontestes de que o gênero feminino ainda sofre forte discriminação no momento da sua inserção no mercado de trabalho, mesmo diante do fato de as estatísticas, em nível nacional, apontarem para um maior crescimento relativo do nível de emprego formal das mulheres.

Tabela 17 – Admissões, segundo as Faixas de Salário por Gênero – Região Nordeste – 2000-2005

Faixas Salário Mínimo	Masculino				Feminino			
	2000		2005		2000		2005	
	Fi	Fi, A	Fi	Fi, A	Fi	Fi, A	Fi	Fi, A
≤ 0,5	0,13	0,13	0,21	0,21	0,22	0,22	0,42	0,42
0,5 -- 1,0	15,20	15,33	6,79	7,00	21,73	21,95	10,16	10,58
1,0 -- 1,5	42,08	57,41	60,09	67,09	40,23	62,18	61,19	71,77
1,5 -- 2,0	16,03	73,44	15,55	82,64	16,03	78,21	12,34	94,11
2,0 -- 3,0	14,59	88,03	10,50	93,14	8,94	87,15	8,74	92,85
3,0 -- 4,0	4,30	92,33	3,29	96,43	4,28	91,43	2,72	95,57
4,0 -- 5,0	2,42	94,75	1,13	97,56	2,01	93,44	1,41	96,98
5,0 -- 7,0	1,75	96,50	0,93	98,49	2,17	95,61	1,19	98,17
7,0 -- 10,0	1,18	97,68	0,57	99,06	1,57	97,18	0,70	98,87
10,0 -- 15,0	0,83	98,51	0,32	99,38	0,95	98,13	0,31	99,18
15,0 -- 20,0	0,38	98,89	0,11	99,49	0,37	98,50	0,08	99,26
> 20,0	0,59	99,48	0,12	99,61	0,52	99,02	0,07	99,33
Ignorado	0,52	100,00	0,39	100,00	0,98	100,00	0,67	100,00
Total	100,00	--	100,00	--	100,00	--	100,00	--

Fonte: CAGED

Tendo-se como referência as informações mencionadas anteriormente, em comparação aos homens as mulheres têm um salário de admissão inferior, ou seja, apesar de terem alcançado, nos últimos anos, melhor performance no tocante à sua inserção no mercado de trabalho, notadamente pelo fato de serem mais escolarizadas, ainda não ultrapassaram a barreira da discriminação no que se refere aos rendimentos do trabalho. Essas questões se confirmam à luz das medidas de posição da distribuição de frequência, constantes na Tabela 18, posto que, tanto no ano de 2000, como no de 2005, os valores de salário de admissão médio de maior frequência e aquele de 50,00% das mulheres ocupadas são inferiores aos valores auferidos pelos homens.

Tabela 18 – Medidas de Posição dos Salários de Admissão (em Quantidade de Salários Mínimos), segundo o Gênero – Região Nordeste – 2000-2005

Medidas	Masculino		Feminino	
	2000	2005	2000	2005
Valor Médio de Admissão	1,49	1,40	1,42	1,37
Valor Mais Frequente de Admissão	1,25	1,28	1,22	1,26
Valor Máximo de 50,00% das Admissões	1,41	1,36	1,35	1,33

2.13 – Admissões nos Estados do Nordeste segundo as Faixas de Salário

Apesar de o crescimento do nível de emprego ter sido significativo ao longo do período de 2000 a 2005, o que se tem observado com as análises anteriores é que as estatísticas do MTE, tanto no que se refere à RAIS, especificamente sobre os rendimentos do trabalho, quanto às informações relativas ao salário de admissão, apontam tendência contrária e que, em hipótese, justifica-se este comportamento, a partir da redução gradativa, ao longo dos últimos anos, do salário de contratação da força de trabalho, notadamente no tocante aos jovens e pessoas do sexo feminino. Para consolidar esta hipótese, dispõe-se a Tabela 19 a seguir com a representação do número de trabalhadores que ingressam no mercado de trabalho com remuneração inicial de até 1,5 salário mínimo, ou acima de 10 salários mínimos, como também as medidas de posição expressas em quantidade de salários mínimos, fazendo-se a ressalva de os números serem relativos aos anos de 2000 e 2005, para cada estado da região Nordeste. (Tabela 20).

Verificando-se os números da Tabela 19 constatam-se alguns resultados, por Estado, que apontam melhorias no salário médio de admissão, no mais frequente e no da metade das pessoas inseridas no mercado de trabalho, no caso dos estados do Piauí e do Rio Grande do Norte, e que este cenário favorável deve estar relacionando ao fato de

a concentração nos valores de até 1,5 salário mínimo, no período de 2000 a 2005, ter sido de apenas 0,91 no primeiro Estado e de – 0,76 no do Rio Grande do Norte, sendo esses números as menores pontuações. Por outro lado, evidencia-se esse fato quando se observa que os dois estados de maior crescimento da participação daqueles com salário de admissão de até 1,5 salário mínimo são a Paraíba (26,09%) e Pernambuco (40,21%), e que somente nestes estados registra-se decréscimo nas três medidas de posição mencionadas anteriormente. Tomando-se como referência o valor máximo de contratação da metade das pessoas admitidas (mediana), no ano de 2005, em comparação com o resultado do ano de 2000, excluindo-se os estados do Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe, cuja referida medida é maior no ano de 2005, e nos estados do Ceará e Alagoas, onde o seu valor é mantido no referido ano, nos demais a estatística em questão é superior à do ano 2000.

Em síntese, reconhece-se que são poucos os estados do Nordeste onde não se registra uma tendência contrária entre o crescimento do nível de emprego e o dos rendimentos do trabalho, destacando-se, neste contexto, os estados do Piauí e do Rio Grande do Norte.

Tabela 19 – Admissões, segundo a Representação Relativa nas Faixas de até 1,5 e acima de 10 Salários Mínimos, e as Medidas de Posição Atinentes ao Salário de Contratação (em Salário Mínimo) – Estados do Nordeste – 2000-2005

Especificação	Estados do Nordeste								
	Maranhão	Piauí	Ceará	R.G.Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe	Bahia
2000									
Até 1,5 sm	59,24	73,65	65,85	66,99	58,94	48,70	75,64	65,09	53,10
Mais de 10 sm	1,95	1,40	1,67	1,19	1,25	1,99	1,16	1,94	2,24
Média	1,46	1,26	1,36	1,39	1,48	1,62	1,34	1,37	1,82
Moda	1,23	1,11	1,21	1,25	1,31	1,32	1,26	1,22	1,19
Mediana	1,38	1,21	1,31	1,34	1,42	1,52	1,31	1,32	1,61
2005									
Até 1,5 sm	66,71	74,32	74,79	66,48	74,32	68,28	80,64	70,50	62,26
Mais de 10 sm	0,66	0,22	0,44	0,22	0,24	0,45	0,36	0,46	0,82
Média	1,39	1,35	1,34	1,42	1,36	1,40	1,34	1,36	1,36
Moda	1,27	1,27	1,26	1,27	1,28	1,29	1,26	1,27	1,27
Mediana	1,35	1,32	1,31	1,37	1,33	1,36	1,31	1,33	1,3
Fonte: CAGED									

Fonte: CAGED

CAPÍTULO 3: IMPACTO DOS INVESTIMENTOS DO BNB NO NÍVEL DE EMPREGO – 2000-2005

3.1 – Empregos nos Estados do Nordeste: Empresas Financiadas e Total das Empresas

Neste tópico identifica-se o impacto do financiamento na elevação do nível de emprego com estatísticas que tratam isoladamente as empresas que receberam algum financiamento do BNB, no período de 2000 a 2005, e aquelas que formam o conjunto das não-financeiadas. Para medir o impacto do financiamento, adota-se o indicador “variação relativa do estoque de emprego”³ aplicado nos dois eventos mencionados, constituindo-se, na verdade, numa praxe, posto que não se excluem os efeitos, por exemplo, da conjuntura econômica sobre o mercado de trabalho, ou de investimentos promovidos por outras instituições financeiras, na região Nordeste, que tenham concorrido, de alguma forma, para a elevação do nível de emprego. Mesmo sob essas condições, assegura-se uma precisão razoável do indicador em questão, caso se considere que do total do aporte de investimento na referida região, no período em análise, prevalecem os recursos do BNB com participação de, aproximadamente, 70,00%.

Dando início à análise dos resultados referentes ao período de 2000 a 2005, tendo como informação o crescimento relativo à taxa acumulada, confirma-se, na Tabela 20, a elevação do estoque de emprego para os dois conjuntos de empresas, sendo de 68,42% para o das empresas financiadas, e de 31,71% para o das não-financeiadas. Aplicando sobre essas taxas o indicador “variação relativa do estoque de emprego”, o impacto é de 115,77%, indicando com isso uma maior tendência relativa do crescimento do nível de emprego das empresas que receberam algum financiamento do BNB.

Em termos de crescimento absoluto do emprego, numa comparação ano a ano, registra-se, em 2005, para toda a região Nordeste, menor performance no conjunto das empresas financiadas com a geração de 10.398 novos postos de trabalho. (Tabela 20). Por outro lado, é exatamente no referido ano que ocorre o maior crescimento do estoque de emprego nas empresas não-financeiadas, com acréscimo de 403.462 pessoas, em comparação ao resultado do ano de 2004. Fazendo-se um primeiro exercício no tocante ao impacto dos investimentos na geração de emprego, atestam-se, na Tabela 28, em 2005, menores percentuais dos valores de desembolsos⁴, em comparação aos do ano de 2004, para quase todos os estados do Nordeste. Outro fato que reforça a hipótese da relação direta entre o crescimento do nível de emprego e o maior aporte de investimentos é que, em 2003, verifica-se a maior elevação do estoque de

3 Esta medida é determinada a partir do quociente entre a variação acumulada do estoque das empresas financiadas (V_f) e a do conjunto das empresas não-financeiadas (V_{NF}), ou seja, $[(V_f / V_{NF}) - 1] \times 100$

4 Ver nota 2 que trata da composição da variável aporte de desembolso, a partir dos valores das pessoas físicas e jurídicas, no período de 2000 a 2005.

mão-de-obra, consoante a participação dos valores de desembolsos que apresenta para a maioria dos estados, exatamente nesse ano, uma inflexão para uma tendência ascendente, com valores ainda mais expressivos no ano de 2004.

Tabela 20 – Estoque de Emprego das Empresas que Receberam Financiamento do BNB e daquelas não-Financiadas – Estados do Nordeste – 2000-2005

Estados	Anos					
	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Empresas Financiadas						
Maranhão	7.655	7.731	8.744	9.433	10.854	11.682
Piauí	8.780	9.726	11.280	12.357	12.917	14.031
Ceará	33.889	36.474	38.868	57.774	63.372	65.160
R. G. do Norte	6.795	7.539	9.184	11.045	11.501	11.864
Paraíba	8.183	9.548	10.733	11.499	12.453	13.109
Pernambuco	21.459	23.424	25.715	26.893	32.903	34.725
Alagoas	6.565	8.653	10.540	11.188	12.209	12.784
Sergipe	5.961	5.882	7.009	7.965	8.957	9.539
Bahia	23.252	23.972	26.800	28.381	30.820	33.490
Total	122.539	132.949	148.873	176.535	195.986	206.384
Empresas não-Financiadas						
Maranhão	277.138	300.748	321.191	339.328	359.516	388.472
Piauí	196.949	205.431	225.665	234.749	250.266	265.167
Ceará	657.204	688.480	754.444	767.288	797.063	855.001
R. G. do Norte	308.693	329.621	309.787	376.962	409.608	438.933
Paraíba	330.952	349.587	364.804	372.368	383.697	407.726
Pernambuco	861.573	871.991	918.180	935.283	989.706	1.060.826
Alagoas	265.618	278.020	301.240	304.503	334.294	354.332
Sergipe	200.093	212.597	232.296	237.146	247.099	268.249
Bahia	1.154.091	1.185.595	1.282.917	1.351.228	1.427.495	1.563.500
Total	4.253.311	4.422.070	4.710.524	4.918.855	5.198.744	5.602.206

Fonte: RAIS e BNB

Prosseguindo-se a análise, ano a ano, do crescimento do estoque de emprego, representado por um índice de base móvel, constata-se na Tabela 21, para toda a região Nordeste, aumento do nível de emprego das empresas financiadas pelo BNB; daquelas não-financeiadas e mais do conjunto de todas as empresas. Excluindo as financiadas, nas quais o registro do maior índice de estoque é no ano de 2003 (118,58), nos outros dois segmentos, ou seja, no das não-financeiadas e no do total das empresas, confirma-se crescimento de maior expressividade do emprego no ano de 2005. Neste contexto, levando-se em consideração a maior elevação do nível de emprego ao longo do período em análise, o índice registrado para as empresas financiadas (118,58) é superior ao das não-financeiadas (107,76), em 139,43%. Por outro lado, considerando a superioridade dos índices das empresas financiadas e mais os momentos de melhor performance do mercado de trabalho como um todo, no período de 2000 a 2005, admite-se que a ampliação do emprego para o conjunto das empresas beneficiadas não é consoante somente aos momentos favoráveis da conjuntura do mercado e, sim, mais correlacionada aos momentos de maior aporte de desembolso. (Tabela 28).

Tabela 21 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo BNB, das não-Financeiadas e o do Total das Empresas – 2000-2005

Especificação	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Empresas Financiadas	—	108,50	111,98	118,58	111,02	105,31
Empresas não-Financeiadas	—	103,97	106,52	104,42	105,69	107,76
Total das Empresas	—	104,12	106,68	104,86	105,87	107,67

Fonte: RAIS e BNB.

Tendo-se ainda como referência os índices de base móvel (Tabela 21), constatou-se, anteriormente, que os valores determinados para as empresas financiadas são bem superiores aos das não-financeiadas, como também dos índices do conjunto de todas as empresas, se for considerada como referência a região Nordeste. Observando-se os resultados da Tabela 22, constata-se que essa superioridade é influenciada pelas estatísticas referentes ao período de 2001 a 2004 dos estados da Paraíba, Pernambuco e Bahia; Alagoas, nos anos de 2001, 2002 e 2003; Ceará, em 2001, 2003 e 2004; Rio Grande do Norte, nos anos de 2001 e 2002; Sergipe e Maranhão, de 2002 a 2004, e Piauí, no período de 2001, 2002, 2003 e 2005. Para entender melhor esses resultados, relacionando o total dos valores recebidos pelos referidos estados, nos respectivos anos, sobre o montante de desembolso repassado pelo BNB ao longo do interstício em questão, soma-se uma partição da ordem de 54,59%. O que este resultado significa? Com a aplicação de um pouco mais da metade dos recursos foi possível promover uma geração significativa de empre-

gos formais, em comparação com as empresas que não receberam financiamento. Diante disso, seria importante identificar em todos os estados da região Nordeste os subsetores da atividade econômica mais intensiva de mão-de-obra para, com isso, direcionar melhor a aplicação dos investimentos com vistas à geração de emprego e renda. Para uma melhor visualização dos resultados em questão, grifam-se, em negrito, os índices de base móvel das empresas financiadas que são superiores ao das não-financiadas.

Tabela 22 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas que Receberam Financiamento do BNB, daquelas não-Financiadas e o do Total das Empresas – Estados do Nordeste – 2000-2005

Estados	Anos					
	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Empresas Financiadas						
Maranhão	--	100,99	113,10	107,88	115,06	107,63
Piauí	--	110,77	115,98	109,55	104,53	108,62
Ceará	--	107,63	106,56	148,64	109,69	102,82
R. G. do Norte	--	110,95	121,82	120,26	104,13	103,16
Paraíba	--	116,68	112,41	107,14	108,30	105,27
Pernambuco	--	109,16	109,78	104,58	122,35	105,54
Alagoas	--	131,81	121,81	106,15	109,13	104,71
Sergipe	--	98,67	119,16	113,64	112,45	106,50
Bahia	--	103,10	118,80	105,90	108,59	108,66
Total	--	108,50	111,98	118,58	111,02	105,31
Empresas não-Financiadas						
Maranhão	--	108,52	106,80	105,65	105,95	108,05
Piauí	--	104,31	109,85	104,03	106,61	105,95
Ceará	--	104,76	109,58	101,70	103,88	107,27
R. G. do Norte	--	106,78	93,98	121,68	108,66	107,16
Paraíba	--	105,63	104,35	102,07	103,04	106,26
Pernambuco	--	101,21	105,30	101,86	105,82	107,19
Alagoas	--	104,67	108,35	101,08	109,78	105,99
Sergipe	--	106,25	109,27	102,09	104,20	108,56
Bahia	--	102,73	108,21	105,32	105,64	109,53
Total	--	103,97	106,52	104,42	105,69	107,76

continua

Tabela 22 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas que Receberam Financiamento do BNB, daquelas não-Financiadas e o do Total das Empresas – Estados do Nordeste – 2000-2005

conclusão

Estados	Anos					
	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Total das Empresas						
Maranhão	—	108,32	106,96	105,71	106,20	108,04
Piauí	—	104,58	110,13	104,29	106,51	106,09
Ceará	—	104,90	109,43	104,00	104,29	106,94
R. G. do Norte	—	106,87	109,46	121,64	108,53	107,05
Paraíba	—	105,90	104,57	102,22	103,20	106,23
Pernambuco	—	101,40	105,41	101,94	106,28	107,13
Alagoas	—	105,32	108,76	101,25	109,76	105,95
Sergipe	—	106,03	109,53	102,43	104,47	108,49
Bahia	—	102,74	108,28	105,34	105,70	109,51
Total	—	104,12	106,68	104,86	105,87	107,67

Fonte: RAIS e BNB.

Observação: Os valores em negrito indicam os índices das empresas financiadas, que são superiores em comparação ao das não-financeiadas.

Dando-se prosseguimento à análise, a Tabela 23 apresenta o crescimento acumulado do nível de emprego ao longo do período de 2000 a 2005, das empresas financiadas pelo Banco do Nordeste, ou por outras instituições financeiras; das não-financeiadas pelo BNB, mas que podem ter recebido algum investimento de outras instituições financeiras, e a do conjunto de todas as empresas, de acordo com os setores de atividade econômica. Anteriormente, constatou-se que o crescimento relativo, ano a ano, do estoque de emprego das empresas financiadas supera o do total das empresas, e mais especificamente daquelas que não receberam financiamento do BNB. Mais uma vez, mesmo alterando a referência de base do índice, ou seja, passando a identificar a elevação acumulada do número de pessoas empregadas, no interstício em apreço, verifica-se a superioridade dos valores do conjunto das empresas financiadas, cujo índice é de 168,42, ou seja, superior ao das empresas não-financeiadas em 115,77% e de 108,79% do conjunto de todas as empresas. Analisando melhor este resultado, admite-se, a partir do indicador “variação relativa do estoque de emprego” que ao se excluirmos do total das empresas aquelas que receberam financiamento, registra-se uma queda de aproveitamento no tocante à geração de emprego da ordem de 3,23%, ou seja, o índice acumulado declina de 132,77 para 121,71.

Observando-se a evolução do emprego nas empresas financiadas, ao longo do período de 2000 a 2005, excluindo-se o setor administração pública nos demais, o valor do índice é muito superior aos resultados dos outros dois conjuntos de empresas, fazendo-se a ressalva de os setores da indústria e da agropecuária serem os de maior relevância no que se refere ao crescimento do estoque de emprego em comparação aos números do conjunto das empresas não-financiadas e os do total das empresas.

Supondo-se a relação direta entre o investimento e a geração de novos postos de trabalho, entende-se este resultado à luz dos números apresentados na Tabela 31, na qual a composição dos valores dos desembolsos, no tocante aos investimentos aplicados nas empresas da região Nordeste, destina-se 22,66% para a agricultura, 1,23% para a agroindústria, 24,47% para a pecuária e, para a indústria, a representação de 27,32%, restando para os demais setores de atividade econômica a participação de 24,32%. É importante destacar o fato de o desembolso com frequência de 5,15% ser da atividade infraestrutura, onde se inclui a administração pública. Exatamente neste setor registra-se o menor crescimento do nível de emprego.

Tabela 23 – Índice Acumulado do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo BNB, das não-Financiadas e do Total das Empresas, segundo os Subsetores de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2005

Setores de Atividade	Empresas Financiadas	Empresas não-Financiadas	Total das Empresas
Indústria	179,07	125,67	130,69
Construção Civil	141,98	112,02	111,88
Comércio	155,52	142,88	143,30
Serviços	178,17	130,25	131,39
Agropecuária	191,61	135,16	136,74
Administração Pública	74,61	133,01	132,84
Total	168,42	131,71	132,77

Fonte: RAIS e BNB.

3.2 – Impacto dos Investimentos na Geração de Emprego

Aborda-se neste capítulo uma análise comparativa da evolução do estoque de emprego com a formação de dois eventos mutuamente exclusivos, quais sejam: o do conjunto de todas as empresas da região Nordeste e, um outro, daquelas que receberam financiamento do BNB, ou de outras instituições financeiras, ao longo do período de 2000 a 2005. Conforme análise anterior, evidencia-se o fato de os dois conjuntos mencionados terem apresentado um comportamento crescente do nível de emprego formal, com ascendência relativa mais expressiva para o segundo, destacando-se, ainda, a partir do indicador “variação relativa do estoque de emprego,” o nível de influência das empresas financiadas no crescimento do número de postos de trabalho, quando da união dos dois eventos mencionados. Com o objetivo de medir de forma mais efetiva o impacto dos investimentos na geração de emprego, trabalha-se, especificamente, com os valores de desembolso, por estado e setor de atividade econômica.

Tomando-se como referência toda a região Nordeste, conforme informações apresentadas no primeiro capítulo deste documento, foram gerados, no interstício de 2000 a 2005, 1.433.740 novos empregos formais, expressando um crescimento acumulado da ordem de 32,77%. Observando os números constantes na Tabela 24, também se constata comportamento crescente do estoque de emprego, evoluindo de 122.539, no ano de 2000, para 206.384 em 2005, isto é, 83.845 novos empregos. Destaque-se o fato de o crescimento em questão estabelecer uma elevação relativa acumulada da ordem de 68,42%, superior em 108,79% ao resultado pertinente ao conjunto de todas as empresas da região Nordeste.

Numa verificação por localidade, destacam-se os estados de Alagoas, com um índice acumulado de 194,73; Ceará, com o valor de 192,27, e Pernambuco, cujo índice alcança o patamar de 161,82. Evidente que estes valores foram os que mais influenciaram o crescimento relativo global da região Nordeste no conjunto das empresas financiadas.

Um resultado que, de certa forma, chama atenção é que, tanto no conjunto de todas as empresas (Tabela 3), como nas empresas não-financiadas (Tabela 20), o Estado do Ceará, em comparação aos demais estados da região Nordeste, no período de 2000 a 2005, ocupa a terceira posição, enquanto no conjunto das financiadas (Tabela 20), o referido Estado mantém-se com maior estoque de emprego no período mencionado. Em hipótese, tendo como referência a composição dos valores de desembolso, Tabela 26, é possível que este resultado deva-se ao fato de o Estado do Ceará ter a segunda maior representação dos valores de desembolso, 19,21%, sendo inferior, apenas, ao Estado da Bahia, que tem frequência de 25,74%. Sobre a melhor posição do Ceará em comparação ao Estado da Bahia, levanta-se a hipótese de os seus investimentos terem sido destinados, com maior representação, para empresas mais intensivas em mão-de-obra, o que deve ter contribuído para a performance alcançada.

Outro fato que justifica a posição do Estado do Ceará é que, de acordo com a Tabela 34, que apresenta a distribuição percentual das parcelas de desembolso por estado, o Ceará, excluindo a atividade agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca, ocupa a primeira posição na atividade industrial e a segunda nas demais atividades, com representação inferior, apenas, aos valores do Estado da Bahia.

Tabela 24 – Estoque de Emprego nas Empresas que Receberam Financiamento do BNB – Estados do Nordeste – 2000-2005

Estados	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Maranhão	7.655	7.731	8.744	9.433	10.854	11.682
Piauí	8.780	9.726	11.280	12.357	12.917	14.031
Ceará	33.889	36.474	38.868	57.774	63.372	65.160
R. G. do Norte	6.795	7.539	9.184	11.045	11.501	11.864
Paraíba	8.183	9.548	10.733	11.499	12.453	13.109
Pernambuco	21.459	23.424	25.715	26.893	32.903	34.725
Alagoas	6.565	8.653	10.540	11.188	12.209	12.784
Sergipe	5.961	5.882	7.009	7.965	8.957	9.539
Bahia	23.252	25.972	26.800	28.381	30.820	33.490
Total	122.539	132.949	148.873	176.535	195.986	206.384

Fonte: RAIS e BNB.

Tendo como referência o índice de crescimento acumulado, que expressa a evolução agregada do estoque de emprego, ao longo do período de 2000 a 2005, constata-se, na Tabela 25, a supremacia dos valores pertinentes às empresas financiadas em comparação ao conjunto formado por todas as empresas da região Nordeste, destacando-se, com maior pontuação, o Estado de Alagoas, com valor de 194,73, sendo superior em 171,59% ao índice do referido Estado, no conjunto de todas as empresas (134,88). Numa segunda posição, sobressai-se o Ceará, com crescimento acumulado da ordem de 192,27, ou seja, superior ao valor encontrado para o referido Estado no conjunto de todas as empresas da região Nordeste (133,15), em 178,34%. Ainda com referência aos números da Tabela 25, atesta-se que o índice acumulado para a região em questão é de 168,42, enquanto para o conjunto global das empresas o crescimento acumulado é de 132,77. Este resultado indica a superioridade de 108,79% da evolução do emprego formal, ao longo do período de 2000 a 2005, das empresas que receberam financiamentos do BNB. Outra informação que, de certa forma, consolida o impacto dos investimentos na geração de emprego é que na análise dos números referentes ao período de 2000 a 2004, de acordo com o Banco do Nordeste, não se

tinha a superioridade do crescimento do índice acumulado para todos os estados da região Nordeste, ou seja, no conjunto das empresas financiadas, o valor do índice, em comparação ao de todas as empresas, é inferior nos estados de Sergipe, Bahia e Piauí, enquanto no interstício de 2000 a 2005, conforme consta na Tabela 25, a menor elevação é registrada para o Estado da Bahia e, mesmo assim, ainda é superior ao valor do conjunto de todas as empresas em 23,54%. Acrescente-se ainda o fato de o crescimento para toda a região Nordeste, ao longo do período de 2000 a 2004, ter sido de 50,79% nas empresas financiadas em comparação ao resultado de todas as empresas, sendo bem inferior à “variação relativa do estoque de emprego” para a referida Região no período de 2000 a 2005, que foi de 108,79%, conforme citado anteriormente. Outro cenário a considerar é que, relacionando os estados que apresentam os cinco maiores índices acumulados do estoque de emprego (Alagoas, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba – Tabela 25) com os que indicam as cinco maiores representações de desembolso (Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco e Alagoas – Tabela 26), registra-se a presença simultânea de três estados nos dois conjuntos mencionados (Alagoas, Ceará e Pernambuco), reforçando com isso a hipótese de a correlação ser direta entre o crescimento do nível de emprego e o aporte de investimentos.

Tabela 25 – Índice Acumulado do Crescimento do Estoque Emprego, segundo o Total de Empresas e as Financiadas pelo BNB – Estados do Nordeste – 2000-2005

Estados	Total das Empresas	Empresas Financiadas
Maranhão	140,51	152,61
Piauí	135,71	159,81
Ceará	133,15	192,27
R. G. do Norte	142,89	174,60
Paraíba	124,09	160,20
Pernambuco	124,07	161,82
Alagoas	134,88	194,73
Sergipe	134,81	160,02
Bahia	135,64	144,03
Região Nordeste	132,77	168,42

Fonte: RAIS e BNB.

No tópico anterior confirma-se a relação entre o crescimento relativo acumulado do estoque de emprego e a participação significativa do aporte de desembolso nos estados de Alagoas, Ceará e Pernambuco. Em termos absolutos, retornando aos números da Tabela 20 e procedendo-se um exercício no tocante ao crescimento do estoque de mão-de-obra, especificamente no conjunto das empresas financiadas, ou seja, considerando a diferença entre os valores dos anos de 2005 e 2000, destacam-se, ao longo do interstício de 2000 a 2005, os estados do Ceará, 31.271 postos de trabalho; Pernambuco, 13.266 postos de trabalho; Bahia, 10.238 postos de trabalho; Alagoas, 6.219 postos de trabalho e Piauí, 5.251 postos de trabalho. Cotejando esses resultados com as estatísticas presentes na Tabela 26, sobressaem-se com melhor representação sobre o total de desembolsos efetivos no referido período, os estados da Bahia (25,74%), Ceará (19,21%) e Pernambuco, com participação percentual da ordem de 9,41%. A partir desses resultados, confirma-se, mais uma vez, a relação direta entre o aporte de investimentos e o crescimento do nível de emprego, seja em termo absoluto ou relativo.

Tabela 26 – Empresas Financiadas, segundo a Participação Relativa dos Desembolsos, por Estado, Sobre o Total Liberado para Toda a Região Nordeste – 2000-2005

Estados	Participação Relativa
Maranhão	12,25
Piauí	6,74
Ceará	19,21
R. G. do Norte	5,94
Paraíba	7,36
Pernambuco	9,41
Alagoas	7,13
Sergipe	6,22
Bahia	25,74
Total	100,00

Fonte: BNB.

Os números apresentados na Tabela 27 representam o aumento relativo do estoque de emprego, ano a ano, no período de 2000 a 2005.

Tabela 27 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego, por Estado, nas Empresas que Receberam Financiamento do BNB – Estados do Nordeste – 2000-2005

Estados	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Maranhão	--	100,99	113,10	107,88	115,06	107,63
Piauí	--	110,77	115,98	109,55	104,53	108,62
Ceará	--	107,63	106,56	148,64	109,69	102,82
R. G. do Norte	--	110,95	121,82	120,26	104,13	103,16
Paraíba	--	116,68	112,41	107,14	108,30	105,27
Pernambuco	--	109,16	109,78	104,58	122,35	105,54
Alagoas	--	131,81	121,81	106,15	109,13	104,71
Sergipe	--	98,67	119,16	113,64	112,45	106,50
Bahia	--	103,10	118,80	105,90	108,59	108,66
Total	--	108,50	111,98	118,58	111,02	105,31

Fonte: RAIS e BNB.

Conforme citação anterior (Tabela 22), as estatísticas em negrito correspondem aos índices de valores superiores ao das empresas não-financiadas. Inicialmente, percebe-se que, ao longo do período de 2000 a 2004, são muitos os índices de base móvel que demonstram a superioridade do crescimento do nível de emprego, em todos os estados da região Nordeste, nas empresas que receberam financiamento do BNB em comparação com as não-financiadas. Já no ano de 2005, essa superioridade tem registro apenas para o Estado do Piauí. Como entender este resultado à luz da hipótese da relação direta entre o crescimento do emprego e o aporte de investimento? De acordo com as informações constantes na Tabela 28, verifica-se que a composição percentual dos valores de desembolsos efetivamente repassados para toda a região Nordeste, declina no interstício de 2000 a 2002, com inflexão ascendente para os anos de 2003 e 2004, voltando a apresentar decréscimo de representação no ano de 2005. Especificamente no tocante à distribuição percentual, em nível de estado, excluindo o Maranhão que apresenta a mesma tendência da Região como um todo, porém, com maior frequência de desembolso no ano de 2005, destacam-se o Piauí, o Ceará, o Rio Grande do Norte e a Bahia, cuja participação percentual, igualmente ao da região Nordeste, alcança maior valor no ano de 2004. Estes números mostram que, exatamente no ano de menor aporte de desembolso, ou seja, em 2005, não se constata melhor performance das empresas financiadas.

Tabela 28 – Empresas Financiadas, segundo a Participação Relativa do Aporte de Desembolsos, por Estado e por Ano – Região Nordeste – 2000-2005

Estados	Frequência relativa / ano						Total
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	
Maranhão	12,94	9,01	6,81	8,91	23,67	38,66	100,00
Piauí	23,63	11,97	7,88	10,32	35,57	10,63	100,00
Ceará	16,83	10,38	5,57	14,58	32,80	19,84	100,00
Rio Grande do Norte	16,23	11,30	9,22	10,78	33,35	19,12	100,00
Paraíba	27,42	12,98	8,72	10,90	21,89	18,09	100,00
Pernambuco	32,09	13,47	6,35	10,77	22,72	14,60	100,00
Alagoas	18,91	14,90	23,21	7,32	18,19	17,47	100,00
Sergipe	20,68	20,58	10,35	13,51	20,14	14,74	100,00
Bahia	17,60	18,92	11,05	10,02	29,88	12,53	100,00
Região Nordeste	19,58	14,01	9,36	10,99	27,57	18,49	100,00

Fonte: BNB.

Tendo como referência os números da Tabela 29 afere-se que no conjunto das empresas financiadas foram gerados, no período de 2000 a 2005, 83.845 novos postos de trabalho contra o absoluto de 1.434.140 empregos no conjunto de todas as empresas localizadas na região Nordeste. Setorialmente, no grupo das empresas financiadas, a indústria destaca-se com a geração de 49.369 empregos, ou seja, representando 58,88% do que foi gerado em toda a Região no segmento das empresas que receberam algum financiamento do BNB. Seguem-se à indústria, em segunda e terceira posições, respectivamente, os serviços (19.985 empregos) e o comércio, com um incremento de 11.381 postos formais de trabalho. Já no conjunto do total das empresas destacam-se a administração pública (501.093 empregos), os serviços (369.610 empregos) e a indústria, na terceira posição, com acréscimo de 203.759 novos empregos. Em síntese, é importante destacar o fato de a indústria, no evento das empresas financiadas, ser o setor que mais gerou empregos, posto que, diante do comportamento ascendente do emprego, em detrimento da queda dos rendimentos do trabalho, conforme apresentado no capítulo 1 deste estudo, o referido setor é o que ainda oferece, em comparação aos demais, empregos de melhor qualidade no aspecto relativo à remuneração do trabalho.

Tabela 29 – Estoque de Emprego, por Setor de Atividade Econômica de Todas as Empresas da Região Nordeste e daquelas Financiadas

Setor de Atividade Econômica	Total das Empresas		Empresas Financiadas	
	2000	2005	2000	2005
Indústria	663.942	867.701	62.436	111.805
Construção Civil	208.622	233.401	3.751	3.906
Comércio	628.678	900.872	20.500	31.881
Serviços	1.177.402	1.547.012	25565	45.550
Agropecuária	169.994	232.456	4.758	9.177
Administração Pública	1.526.055	2.027.148	5.529	4.125
Região Nordeste	4.374.850	5.808.990	122.539	206.384

Fonte: RAIS e BNB.

Observando-se a evolução do nível de emprego por intermédio do índice acumulado do estoque de emprego ao longo do interstício de 2000 a 2005, no conjunto total das empresas e das que receberam financiamento do BNB, segundo os subsetores de atividade econômica, verifica-se, para toda a região Nordeste, superioridade da ordem de 108,79 do estoque de emprego no conjunto das empresas financiadas em comparação com o total das empresas. Setorialmente, considerando os valores de maior expressividade, destacam-se a agropecuária, 191,61; a indústria, 179,07 e os serviços, com um índice acumulado da ordem de 178,17. Relacionando esses números com aqueles da Tabela 31, que trata da composição do desembolso, também segundo os setores de atividade econômica, destaca-se, numa primeira posição, a agropecuária, com participação de 48,46%, caso se considere como integrantes deste setor a agricultura, a agroindústria e a pecuária. Em segunda posição sobressai-se a indústria, cuja representação sobre o total de desembolso é de 27,32%, e com 10,55%, os serviços, ocupando a terceira posição. O que se conclui nesta relação é que os setores de melhor performance, no tocante à geração de empregos, são, exatamente, os que detêm a maior fatia dos valores de desembolsos efetivos. Reforçando ainda mais esta afirmação, confere-se na Tabela 30 que a administração pública apresenta, ao longo do período de 2000 a 2005, comportamento descendente no tocante ao crescimento do número de pessoas empregadas, sendo este o setor que responde pela menor representação de desembolso, segundo os números da Tabela 31, considerando a sua presença na atividade de infraestrutura.

Tabela 30 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego do Total das Empresas e o das Empresas Financiadas, segundo os Setores de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2005

Setor de Atividade	Total das Empresas	Empresas Financiadas
Indústria	130,64	179,07
Construção Civil	111,88	104,13
Comércio	143,30	155,52
Serviços	131,39	178,17
Agropecuária	136,74	191,61
Administração Pública	132,84	74,61
Região Nordeste	132,77	168,42

Fonte: RAIS e BNB.

Tabela 31 – Composição do Desembolso, segundo os Setores de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2005

Atividade Econômica	Frequência Relativa
Agricultura	22,66
Agroindústria	1,23
Comércio	8,62
Indústria	27,32
Infraestrutura	5,15
Pecuária	24,47
Serviços	10,55
Total	100,00

Fonte: BNB.

A classificação por setor de atividade econômica, definida na fonte RAIS, não é rigorosamente a mesma estabelecida pelo BNB, ou seja, no setor de infraestrutura, segundo a classificação do BNB, incluem-se a administração pública, a defesa e segurança, as atividades associativas de produção e distribuição de eletricidade, gás e água, reparação e conservação e telecomunicações. Além disso, fazem parte do setor agropecuária, estabelecido pela RAIS, as atividades agricultura, agroindústria e pecuária. Neste contexto, na perspectiva de comprovar o fato de os investimentos aplicados na região Nordeste terem contribuído de forma direta na geração de empregos, conferem-se nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco

os maiores índices acumulados do estoque de emprego, sendo, respectivamente, na indústria, para o primeiro mencionado, e na agropecuária para os outros três. Por outro lado, observando-se a composição do desembolso entre os setores de atividade econômica, registram-se, nos referidos estados, as maiores pontuações de aplicação de investimentos, sendo de 40,63% na indústria do Estado do Ceará, e de, respectivamente, 58,65%, 45,00% e 54,62% no setor agropecuária dos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

Tabela 32 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego, de acordo com os Setores de Atividade Econômica e os Estados, segundo as Empresas Financiadas pelo BNB – Região Nordeste – 2000-2005

Estados	Setores de Atividade				
	Indústria	Comércio	Serviços	Adm Pública	Agr. Extr.Veg. Caça Pesc
Maranhão	115,49	200,52	170,18	—	138,65
Piauí	156,53	137,50	192,69	—	169,42
Ceará	203,42	116,25	198,81	—	196,38
R. G. do Norte	172,38	141,69	203,82	—	256,72
Paraíba	151,56	162,83	194,37	100,00	221,01
Pernambuco	165,49	222,02	133,24	73,19	482,53
Alagoas	237,41	155,43	174,53	111,81	73,76
Sergipe	147,40	195,68	191,80	—	86,59
Bahia	134,01	148,32	217,02	68,30	157,98

Fonte: RAIS e BNB.

Anteriormente, na Tabela 31, numa ordem de maior representação de desembolso efetivo, destacam-se os setores de atividade agropecuária (48,36%), indústria (27,32%), serviços (10,55%), comércio (8,62%) e, com menor pontuação, a infraestrutura, com frequência de 5,15%. Diante desses números pode-se admitir a forte correlação entre o crescimento do nível de emprego e a aplicação dos investimentos nas empresas, porquanto, de acordo com o Quadro 1 a seguir, que apresenta a primeira e a segunda posição de maior frequência do índice acumulado do estoque de emprego e a participação relativa dos valores de desembolso em quatro estados da região Nordeste, ou seja, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, conferem-se tanto a primeira posição no tocante à performance do nível de empre-

go (Tabela 32), quanto a maior representação de desembolso (Tabela 33). Ademais, registram-se no Estado de Alagoas a primeira posição no que se refere ao índice de emprego e a segunda referente à participação de desembolso e, mais, em outros dois estados, Piauí e Bahia, a primeira posição referente ao desembolso e a segunda do índice acumulado do estoque de emprego.

Em síntese, em sete dos nove estados da região Nordeste comprova-se a hipótese da correlação direta entre a melhor performance do nível de emprego e o aporte de investimentos. Ressalta-se ainda o fato de o setor de infraestrutura não marcar presença no Quadro 1 em análise no que se refere à posição de destaque do índice acumulado de emprego e que, para reforçar a hipótese colocada, este setor é o de menor representação na distribuição dos desembolsos. (Tabela 31).

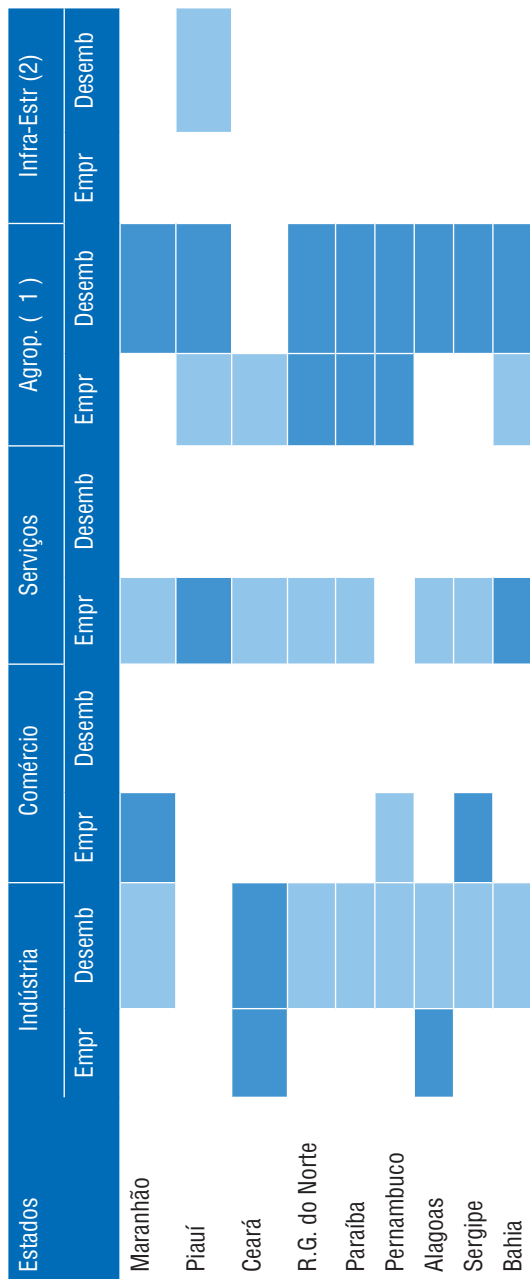
Tabela 33 – Composição do Desembolso entre os Setores de Atividade Econômica, segundo os Estados do Nordeste – 2000-2005

Estados	Setores de atividade econômica					Total
	Indústria	Comércio	Serviços	Infraestrutura (1)	Agropecuária (2)	
Maranhão	29,27	9,66	4,54	6,48	50,05	100,00
Piauí	7,00	10,05	5,50	12,02	65,43	100,00
Ceará	40,63	6,87	16,41	6,79	29,30	100,00
R. G. do Norte	17,21	11,51	9,07	3,56	58,65	100,00
Paraíba	31,71	8,34	9,66	5,29	45,00	100,00
Pernambuco	24,41	11,59	9,19	0,19	54,62	100,00
Alagoas	40,48	12,48	5,58	0,22	41,24	100,00
Sergipe	27,35	11,59	6,83	0,54	53,69	100,00
Bahia	20,23	5,61	13,71	6,12	54,33	100,00

Fonte: BNB.

Nota 1: Incluem-se as atividades de administração pública, defesa e seguridade; atividades associativas; produção e distribuição de eletricidade, gás e água; reparação e conservação e telecomunicações.

Nota 2: Incluem-se as atividades agricultura, agroindústria e pecuária.



Quadro 1 – Primeira e segunda Posições de Maior Frequência do Índice Acumulado do Estoque de Emprego e da Variação do Desembolso – Estados do Nordeste – 2000-2004

Fonte: RAIS e BNB.

Nota 1: Incluem-se as atividades agricultura, agroindústria e pecuária.

Nota 2: Incluem-se as atividades de administração pública, defesa e segurança; atividades associativas; produção e distribuição de eletricidade, gás e água; reparação e conservação e telecomunicações.

Legenda: ■ Primeira Posição ■ Segunda Posição

CAPÍTULO 4: IMPACTO DOS INVESTIMENTOS DO FNE NO NÍVEL DE EMPREGO: 2000-2005

4.1 – Empregos nos Estados do Nordeste: Empresas Financiadas e Total de Empresas

Numa primeira avaliação, levando-se em consideração o período de 2000 a 2005, apresentam-se na Tabela 34 dois conjuntos disjuntos de empresas, sendo o primeiro o das financiadas pelo FNE, e o segundo, daquelas empresas que não receberam financiamento do referido fundo. Para medir o impacto da geração de novos postos formais de trabalho, aplica-se, inicialmente, “a variação relativa do estoque de emprego” sobre os índices acumulados do período de 2000 a 2005, determinados a partir dos resultados de cada um dos conjuntos citados. Faz-se mister acrescentar que nesta avaliação excluem-se os efeitos da conjuntura econômica sobre o mercado de trabalho e/ou de investimentos promovidos por outras instituições financeiras nas empresas da região Nordeste que, de alguma forma, tenham contribuído para a ascensão do nível de emprego no interstício em apreço.

Observando-se os números da Tabela 34, confirma-se, para o período de 2000 a 2005, o crescimento relativo do nível de emprego, sendo de 203,74 o índice acumulado para as empresas beneficiadas, e de 131,44 daquelas que não receberam financiamento. Aplicando sobre estes índices a “variação relativa do estoque de emprego”, o impacto é de 229,96%, apontando para uma maior tendência de crescimento no conjunto das empresas que receberam financiamento do FNE. Uma informação que demonstra o maior impacto no nível de emprego dos investimentos aplicados pela referida instituição, em comparação aos do BNB, é que, de acordo com as informações analisadas no capítulo 2 deste documento, para os mesmos conjuntos de empresas e no tocante aos financiamentos do BNB, a “variação relativa do estoque de emprego” é de menor valor, sendo da ordem de 115,77%.

Numa análise do crescimento absoluto, comparando ano a ano, acusa-se um comportamento ascendente do estoque de emprego tanto no conjunto das empresas financiadas quanto das não-financiadas (Tabela 34). No que se refere ao melhor desempenho ao longo do período em questão, registram-se, para o primeiro conjunto, acréscimos de 28.261 e 18.663 novos postos de trabalho, respectivamente, nos períodos de 2002 a 2003 e de 2003 a 2004.

Tabela 34 – Estoque de Emprego das Empresas que Receberam Financiamento do FNE e daquelas não-Financiadas – Estados do Nordeste – 2000-2005

Estados	Anos					
	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Empresas Financiadas pelo FNE						
Maranhão	4.789	4.878	5.951	6.439	7.557	8.109
Piauí	6.834	7.571	9.051	10.173	10.586	11.417
Ceará	22.732	25.487	28.303	47.233	53.227	55.307
R. G. do Norte	4.847	5.319	7.001	8.733	9.234	9.680
Paraíba	6.647	7.991	9.278	10.039	11.073	11.669
Pernambuco	12.927	14.583	17.063	18.758	24.609	26.596
Alagoas	4.578	6.566	8.188	8.951	9.923	10.478
Sergipe	4.773	4.594	5.685	6.650	7.633	8.128
Bahia	12.378	14.196	16.478	18.283	20.080	22.639
Total	80.505	91.185	106.998	135.259	153.922	164.023
Empresas não-Financiadas pelo FNE						
Maranhão	280.004	303.601	323.984	342.322	362.813	392.045
Piauí	198.895	207.586	227.894	236.933	252.597	267.781
Ceará	668.361	699.467	765.009	777.829	807.208	864.854
R. G. do Norte	310.641	331.841	311.970	379.274	411.875	441.117
Paraíba	332.488	351.144	366.259	373.828	385.077	409.166
Pernambuco	870.105	880.832	926.832	943.418	998.000	1.068.955
Alagoas	267.605	280.107	303.592	306.740	336.580	356.638
Sergipe	201.281	213.885	233.620	238.461	248.423	269.660
Bahia	1.164.965	1.195.371	1.293.239	1.361.326	1.438.235	1.574.351
Total	4.294.345	4.463.834	4.752.399	4.960.131	5.240.808	5.644.567

Fonte: RAIS e BNB.

Quanto às empresas não-financiadas, destacam-se os períodos de 2001 a 2002, com a geração de 288.565 novos postos de trabalho, e de 2004 a 2005, com a criação de 403.759 novos empregos. Analisando-se o mesmo crescimento, ano a ano, de todas as empresas da região Nordeste (capítulo 1 deste documento), verifica-se que o comportamento mais favorável do mercado de trabalho ocorreu nos períodos de 2001 a 2002, com um acréscimo de 304.378 pessoas no estoque de emprego, e de 2004 a 2005, com a criação de 413.860 novos postos de trabalho, ou seja, as melhores performances no conjunto das empresas financiadas registram-se em momentos diferenciados, comparando-se com aquele do conjunto de todas as empresas e daquelas que não receberam financiamento. Qual a explicação desses resultados, sob o enfoque do impacto dos investimentos na geração de emprego? Conforme os números da Tabela 40, que trata da participação relativa do aporte de desembolso ao longo do período de 2000 a 2005, observa-se em toda a região Nordeste uma inflexão de crescimento para um comportamento ascendente, exatamente no período em que as empresas financiadas apontam para uma maior geração de empregos formais, ou seja, nos interstícios de 2002 a 2003, e de 2003 a 2004.

Apresenta-se na Tabela 35 o índice móvel do crescimento do estoque de emprego das empresas financiadas pelo FNE daquelas não-financiadas, e mais do conjunto de todas as empresas. Constatou-se que somente no ano de 2005 o crescimento acumulado do emprego nas empresas financiadas é inferior, em comparação aos outros dois conjuntos, mesmo diante do fato de o maior aporte de desembolso ter-se dado no referido ano para as aplicações financeiras do FNE (Tabela 40). Numa lógica de que o impacto dos investimentos não se dá em curto prazo, admite-se, em hipótese, que somente no ano de 2006 o índice de base móvel do crescimento do estoque de emprego deverá superar o das empresas não-financiadas, como também do conjunto de todas as empresas. Outro aspecto a considerar é que, tomando-se como referência o período de 2001 a 2004, é notória a superioridade dos índices das empresas financiadas pelo FNE, com destaque para o ano de 2003, cujo valor é de 126,41. Cotejando-se este resultado com os índices do referido ano das empresas não-financiadas e do conjunto de todas as empresas, registra-se pontuação superior de, respectivamente, 504,35% e de 443,42%.

Por último, comparando-se os números das Tabelas 21 (capítulo 2) e Tabela 35, faz-se mister acrescentar que a performance dos índices acumulados das empresas financiadas pelo FNE é bem superior ao daquelas que receberam financiamento do BNB e que, considerando o comportamento ascendente do mercado de trabalho ao longo do período de 2000 a 2003, para o conjunto de todas as empresas da região Nordeste, é provável que este resultado se deva ao fato de as aplicações do FNE estarem mais direcionadas às empresas de maior capacidade de absorção da força de trabalho.

Tabela 35 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo FNE, das não-Financiadas e o do Conjunto de todas as Empresas – 2000-2005

Especificação	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Empresas Financiadas	--	113,27	117,34	126,41	113,80	106,56
Empresas não-Financiadas	--	103,95	106,46	104,37	105,66	107,70
Total das Empresas	--	104,12	106,68	104,86	105,87	107,67

Fonte: RAIS e BNB.

A Tabela 36 apresenta os índices de base móvel do crescimento do estoque de emprego das empresas que receberam financiamento do FNE, daquelas não-financiadas, e mais do conjunto de todas as empresas. Antes de analisar os resultados, para melhor compreensão do leitor, registram-se, em negrito, os índices no conjunto das empresas financiadas, cujos valores superam os das não-financiadas, evidenciando-se, em hipótese, um comportamento ascendente do nível de emprego como decorrência dos investimentos aplicados pelo FNE.

A partir dos resultados apresentados anteriormente, é inconteste a superioridade do crescimento do nível de emprego das empresas financiadas em comparação às demais da região Nordeste. A partir dos valores relativos, atesta-se que essa superioridade, que se faz presente para toda a região em questão, é influenciada pelas estatísticas referentes ao período de 2001 a 2005 dos estados de Pernambuco e Bahia; Ceará, Paraíba e Alagoas, nos anos de 2001 a 2004; Rio Grande do Norte e Piauí, no período de 2001 a 2003, e Maranhão e Sergipe, no interstício de 2002 a 2004. Fazendo-se uma relação entre esses resultados e os valores agregados de desembolsos repassados pelo FNE, para os referidos estados, nos respectivos anos, soma-se uma participação da ordem de 56,80% sobre o total dos investimentos aplicados no período de 2001 a 2005. O que se pode concluir da relação entre a boa performance no tocante ao mercado de trabalho das empresas financiadas pelo FNE ou pelo BNB e a participação correspondente sobre os desembolsos efetivos? Ora, procedendo-se o mesmo exercício para as aplicações do BNB (capítulo 2), constatou-se uma participação muito próxima, ou seja, da ordem de 54,59%, isto é, com um pouco mais da metade dos recursos aplicados foi possível a geração de um significativo número de empregos formais em comparação com as empresas que não receberam financiamento. Diante disso, destaca-se, mais uma vez, a importância de identificar em todos os estados da região Nordeste os setores de atividade econômica mais intensiva de mão-de-obra, para, com isso, direcionar melhor a aplicação dos investimentos, tanto do BNB quanto do FNE, na perspectiva de geração mais intensiva de emprego e renda.

Ainda sobre os índices constantes na Tabela 36, é importante destacar o fato de os números referentes às empresas financiadas pelo FNE, para a quase unanimidade dos estados do Nordeste, serem bem superiores aos daqueles das empresas financiadas pelo BNB (Tabela 22).

Tabela 36 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas que Receberam Financiamento do FNE, daquelas não-Financiadas e do Conjunto de todas as Empresas – Estados do Nordeste – 2000-2005

Estados	Anos					
	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Empresas Financiadas pelo FNE						
Maranhão	--	101,86	122,00	108,20	117,36	107,30
Piauí	--	110,78	119,55	112,40	104,06	107,85
Ceará	--	112,12	111,05	166,88	112,69	103,91
R.G. do Norte	--	109,74	131,62	124,74	105,74	104,83
Paraíba	--	120,22	116,11	108,20	110,30	105,38
Pernambuco	--	112,81	117,01	109,93	131,19	108,07
Alagoas	--	143,43	124,70	109,32	110,86	105,59
Sergipe	--	96,25	123,75	116,97	114,78	106,48
Bahia	--	114,69	116,07	110,95	109,38	112,74
Região Nordeste	--	113,27	117,34	126,41	113,80	106,56
Empresas não Financiadas pelo FNE						
Maranhão	--	108,41	106,71	105,66	105,99	108,06
Piauí	--	104,37	109,78	103,97	106,61	106,01
Ceará	--	104,65	109,37	101,68	103,78	107,14
R. G. do Norte	--	106,82	94,01	121,57	108,60	107,10
Paraíba	--	105,61	104,30	102,07	103,01	106,26
Pernambuco	--	101,23	105,22	101,79	105,79	107,11
Alagoas	--	104,67	108,38	101,04	109,73	105,96
Sergipe	--	106,26	109,23	102,07	104,18	108,55
Bahia	--	102,61	108,19	105,26	105,65	109,46
Região Nordeste	--	103,95	106,46	104,37	105,66	107,70

continua

Tabela 36 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas que Receberam Financiamento do FNE, daquelas não-Financiadas e do Conjunto de todas as Empresas – Estados do Nordeste – 2000-2005

conclusão

Estados	Anos					
	2000	2001	2002	2003	2004	2005
Total das Empresas						
Maranhão	--	108,32	106,96	105,71	106,20	108,04
Piauí	--	104,58	110,13	104,29	106,51	106,09
Ceará	--	104,90	109,43	104,00	104,29	106,94
R. G. do Norte	--	106,87	109,46	121,64	108,53	107,05
Paraíba	--	105,90	104,57	102,22	103,20	106,23
Pernambuco	--	101,40	105,41	101,94	106,28	107,13
Alagoas	--	105,32	108,76	101,25	109,76	105,95
Sergipe	--	106,03	109,53	102,43	104,47	108,49
Bahia	--	102,74	108,28	105,34	105,70	109,51
Região Nordeste	--	104,12	106,68	104,86	105,87	107,67

Fonte: RAIS e BNB.

Finalizando a análise do primeiro bloco deste capítulo, segue-se na Tabela 37 o crescimento acumulado do nível de emprego das empresas financiadas pelo FNE ou por outras instituições financeiras, exceto o BNB; das não financiadas pelo FNE e a do conjunto de todas as empresas, segundo os setores de atividade econômica.

Anteriormente, quando da análise do crescimento relativo do estoque de emprego, segundo os estados do Nordeste, a partir de uma base móvel (Tabela 36), comprovou-se o elevado desempenho das empresas financiadas pelo FNE em comparação aos números do total das empresas e, em particular, daqueles das empresas não-financeiadas pela referida instituição. Na Tabela 37 trata-se o índice, não mais ano a ano, e sim acumulado do estoque de emprego, porém para os vários setores de atividade econômica. De acordo com esta Tabela 37, para todas as atividades econômicas é notória a superioridade dos índices das empresas financiadas, com destaque para a agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca (230,17); serviços, 229,90 e indústria, com pontuação de 201,06. Observando os outros dois segmentos de empresa, destaca-se a atividade comercial, com índices de 142,32 no conjunto das empresas não-financeiadas, e de 143,30 no âmbito de todas as empresas.

Tabela 37 – Índice Acumulado do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo FNE, das não-Financiadas e do Total das Empresas, segundo os Subsetores de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2005

Subsetores de Atividade	Empresa Financiadas	Empresas não Financiadas	Total das Empresas
Indústria	201,06	125,01	130,69
Construção Civil	142,04	111,55	111,88
Comércio	191,48	142,32	143,30
Serviços	229,90	130,34	131,39
Agric. Extrativa Vegetal, Caça e Pesca	230,17	134,62	136,74
Administração Pública	—	—	132,84
Total	203,74	131,44	132,77

Fonte: RAIS e BNB.

Fazendo-se uma comparação entre os resultados apresentados e aqueles referentes às empresas financiadas pelo BNB (Tabela 23), capítulo 2 deste documento, mantém-se a prevalência das atividades agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca, serviços e indústria nas empresas financiadas pelo BNB, porém a superioridade dos índices constantes na Tabela 37 é de, respectivamente, para os referidos setores, 42,09%, 66,18% e 27,81%. Estes resultados também são indicativos do fato de as aplicações do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste refletirem de maneira mais eficaz na geração de novos postos formais de trabalho em comparação aos investimentos do BNB e de outras instituições financeiras.

Por último, na perspectiva de relacionar de forma direta o bom desempenho das empresas financiadas e o aporte de investimentos aplicados pelo FNE, observa-se na Tabela 43, numa ordem de maior representação dos valores de desembolso por atividade econômica, a agricultura, a agroindústria e a pecuária, que agregam representação de 55,08%, e a indústria, que registra pontuação da ordem de 21,97%, ou seja, de fato, o maior aporte de desembolso está direcionado para as atividades econômicas que mais geraram empregos formais no período de 2000 a 2005.

4.2 – Impacto dos Investimentos na Geração de Emprego

A partir dos valores do estoque de emprego ao longo do período de 2000 a 2005, para cada estado da região Nordeste, definem-se, utilizando-se a técnica de “elos em cadeia”, os índices acumulados do crescimento do nível de emprego das empresas financiadas pelo FNE, das não-financiadas, e os índices do conjunto de todas as empresas, conforme os números dispostos na Tabela 38.

Numa análise comparativa entre os três vetores formados a partir dos valores de cada estado e os dos três segmentos de empresas mencionados acima, atesta-se, inicialmente, a supremacia dos índices determinados para o conjunto das empresas financiadas pelo FNE, computando-se, para toda a Região, o valor de 203,74, sendo este superior ao das empresas não-financiadas (131,44), em 229,96%, e de 216,57% sobre o índice do conjunto de todas as empresas (132,77). Fazendo uma relação entre o índice de 131,44, referente ao conjunto das empresas não-financiadas, e o de 132,77, relativo ao total das empresas, admite-se que a presença das empresas financiadas pelo FNE, no conjunto de todas as empresas, contribui com 4,06% para o melhor desempenho do nível de emprego na região Nordeste. Lembra-se que esta medição torna-se possível pelo fato de o grupo controle de análise (empresas financiadas) também estar em igual situação de efeito, juntamente com o das não-financiadas, no tocante aos momentos favoráveis da conjuntura do mercado de trabalho.

Outro aspecto a considerar, ainda para toda a região Nordeste, é que, observando-se os números da Tabela 25 (segundo capítulo deste documento), o índice acumulado do emprego das empresas financiadas pelo BNB é de 168,42, ou seja, inferior ao das empresas financiadas pelo FNE (203,74) em 34,05%, e em todos os estados da região Nordeste o índice acumulado do emprego, no segmento das empresas financiadas, apresentado na Tabela 38, supera os valores constantes na Tabela 25 para o conjunto das empresas financiadas pelo BNB. Diante do exposto, confirma-se, mais uma vez, que os investimentos do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), impactam de forma mais expressiva na elevação do nível de emprego em comparação aos financiamentos do BNB e de outras instituições financeiras.

Ainda sobre os números da Tabela 38, observa-se que tanto nas empresas não financiadas quanto no conjunto de todas as empresas, o Estado do Nordeste que se destaca no tocante à performance do nível de emprego é o Rio Grande do Norte, com índices nos dois grupos de empresas mencionados de, respectivamente, 142,00 e 142,89. Por outro lado, no conjunto das empresas financiadas, alcança a maior pontuação o

Estado do Ceará, onde o índice acumulado atinge o patamar de 243,30. Na verdade, observando-se as mesmas estatísticas por setor de atividade econômica (Tabela 44), justifica-se a posição do Estado do Ceará em razão do excelente desempenho do setor industrial, cujo índice acumulado do período de 2000 a 2005 é de 259,19.

Tabela 38 – Índice Acumulado do Crescimento do Estoque Emprego, segundo as Empresas Financiadas pelo FNE, as não-Financiadas e o Total das Empresas – Estados do Nordeste – 2000-2005

Estados	Empresas Financiadas	Empresas não Financiadas	Total das Empresas
Maranhão	169,33	140,01	140,51
Piauí	167,06	134,63	135,71
Ceará	243,30	129,40	133,15
R. G. do Norte	199,71	142,00	142,89
Paraíba	175,55	123,06	124,09
Pernambuco	205,74	122,85	124,07
Alagoas	228,88	133,27	134,88
Sergipe	170,29	133,97	134,81
Bahia	182,90	135,14	135,64
Região Nordeste	203,74	131,44	132,77

Fonte: RAIS e BNB.

Relacionando-se mais uma vez a variação do nível de emprego com a participação do desembolso repassado pelo FNE (Tabela 39), verifica-se que os três estados que alcançaram menor pontuação no tocante ao desembolso no período de 2000 a 2005 foram: Alagoas (4,82%), Sergipe (4,90%), e Paraíba, com representação de 5,35%. Observando-se os índices acumulados do crescimento do estoque de emprego das empresas financiadas (Tabela 38), confere-se que os estados do Piauí, Maranhão, Sergipe e Paraíba são os de menor índice acumulado em comparação aos demais estados da região Nordeste. Diante desses números, admite-se mais uma vez a confirmação da hipótese arguida anteriormente, isto é, no conjunto dos estados de menor participação de desembolso, incluem-se os de menor perfil no tocante ao crescimento do nível de emprego.

Tabela 39 – Empresas Financiadas pelo FNE, segundo a Participação Relativa dos Desembolsos, por Estado, sobre o Total Liberado para toda a Região Nordeste – 2000-2005

Estados	Participação Relativa
Maranhão	12,59
Piauí	8,43
Ceará	17,77
R. G. do Norte	7,63
Paraíba	5,35
Pernambuco	10,14
Alagoas	4,82
Sergipe	4,90
Bahia	28,37
Total	100,00

Fonte: BNB.

A Tabela 40 apresenta a participação relativa dos desembolsos do FNE ao longo do período de 2000 a 2005, segundo os estados. A partir destas informações, verifica-se, para toda a região Nordeste, um comportamento descendente ao longo do interstício de 2000 a 2002, registrando-se, porém, nos três anos subsequentes, uma inflexão de tendência com representação de 7,90% no de 2003, 28,53% em 2004, e o registro do maior aporte de desembolso no ano de 2005 com representação de 49,79%. Excluindo-se os estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Bahia, nos quais a representação dos valores de desembolso amplia-se no ano de 2001, nos demais confere-se a mesma tendência de comportamento da Região em questão. Especificamente no ano em que se registra a maior representação de desembolso, destacam-se os estados do Maranhão, 64,94%, Piauí, 55,84%, e Alagoas, com participação de 53,04%.

Tabela 40 – Empresas Financiadas pelo FNE, segundo a Participação Relativa do Aporte de Desembolsos por Estado e por Ano – Região Nordeste – 2000-2005

Estados	Frequência Relativa / Ano						Total
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	
Maranhão	2,61	1,46	2,03	5,39	23,57	64,94	100,00
Piauí	6,54	2,95	2,30	4,89	27,48	55,84	100,00
Ceará	2,14	2,22	2,28	13,64	32,56	47,16	100,00
Rio Grande do Norte	3,35	4,77	3,17	5,88	31,09	51,74	100,00
Paraíba	10,71	4,39	4,03	8,32	25,62	46,93	100,00
Pernambuco	10,01	5,96	2,99	5,95	24,87	50,22	100,00
Alagoas	9,76	4,13	3,41	5,81	23,85	53,04	100,00
Sergipe	11,13	8,85	4,67	11,71	22,14	41,50	100,00
Bahia	5,80	8,39	3,43	7,16	31,59	43,63	100,00
Região Nordeste	5,76	5,04	2,98	7,90	28,53	49,79	100,00

Fonte: BNB.

Ainda sobre os números da Tabela 40, é importante destacar que, apesar do aporte de desembolso ter sido mais expressivo no ano de 2005, e considerando os resultados em evidência do índice de base móvel referente aos estados do Piauí, Pernambuco e Bahia (Tabela 36), ainda não se percebem com clareza os impactos positivos dos investimentos na geração de emprego com a mesma intensidade registrada no período de 2000 a 2004, admitindo-se, com isso, a hipótese de que somente as informações da RAIS, referentes ao ano de 2006, deverão confirmar esse impacto. Esta hipótese se fundamenta no fato de os índices de base móvel do ano de 2005 indicarem um maior estoque de mão-de-obra em comparação aos números do ano de 2004 para todos os estados da região Nordeste.

Relacionando-se os resultados dos desembolsos (Tabela 40) com o índice de base móvel de crescimento do estoque de emprego (Tabela 38), observa-se, inicialmente, no conjunto das empresas financiadas e não-financiadas pelo FNE, um crescimento ano a ano do nível de emprego com destaque para o primeiro conjunto, no qual os índices expressam uma evolução de maior intensidade. Neste contexto, admite-se que o maior patamar dos índices determinados para as empresas beneficiadas deve-se ao impacto dos investimentos aplicados, posto que, de acordo com os números da Tabela 36, o maior valor deu-se no ano de 2003 para o Estado do Ceará (166,88) e para toda a região Nordeste (126,41), exatamente no início do período de tendência crescente da participação relativa do aporte de desembolso.

Analisando-se os números constantes na Tabela 41, destaca-se, no conjunto de todas as empresas, ao longo do interstício de 2000 a 2005, a administração pública, com saldo de 501.093 empregos, seguida pelo setor serviços, com 369.610 novos postos formais de trabalho. No segmento das empresas financiadas, mesmo considerando menores patamares de valores absolutos, sobressai-se a atividade industrial com a geração de 50.139 empregos, destacando-se, na segunda posição, os serviços, cuja ampliação do estoque de mão-de-obra foi de 16.128 pessoas. Um fato que merece destaque é que, na composição setorial dos empregos formais, excluindo a administração pública, a participação do número de pessoas ocupadas concentra-se nos serviços (40,91%), seguida pelo comércio (23,82%) e, numa terceira posição, a indústria, com representação de 22,95% (Tabela 41). Tomando-se como referência as empresas financiadas pelo FNE, invertem-se as posições, isto é, a indústria passa a ocupar a maior representação de pessoas ocupadas, sendo esta de 60,81% no ano em questão, seguida pelos serviços (17,14%), e o comércio, com pontuação de 14,54%. Estes resultados levam a crer que, além do fato de os investimentos contribuírem para a geração de novos postos de trabalho, hipótese já confirmada neste documento, é possível, com a aplicação de investimentos direcionados para empresas mais intensivas de mão-de-obra, promover a criação de um número mais expressivo de empregos formais no setor secundário da economia, o que seria bom para os trabalhadores, considerando-se que os empregos de melhor qualidade, no tocante aos rendimentos do trabalho, são do setor industrial.

Tabela 41 – Estoque de Emprego, por Setor de Atividade Econômica, de Todas as Empresas da Região Nordeste e daquelas Financiadas pelo FNE – 2000-2005

Subsetor de Atividade	Total de Empresas		Empresas Financiadas	
	2000	2005	2000	2005
Indústria	663.942	867.701	49.611	99.750
Construção Civil	208.622	233.401	2.248	3.193
Comércio	628.678	900.872	12.458	23.854
Serviços	1.177.402	1.547.012	12.416	28.544
Agricultura, Extr. Veg, Caça e Pesca (1)	169.994	232.456	3.772	8.682
Administração Pública (2)	1.526.055	2.027.148	—	—
Região Nordeste	4.374.850	5.808.590	80.505	164.023

Fonte: RAIS e BNB.

Nota 1: Acumulam-se neste setor as atividades agricultura, agropecuária e pecuária.

Nota 2: A ausência de informações na atividade de administração pública deve-se ao fato da não-aplicação de investimentos do FNE no referido setor, destacando-se, porém, que a partir do ano 2004 foram destinados recursos para empresas privadas, especificamente nas atividades de defesa e segurança; associações; produção e distribuição de eletricidade, gás e água, reparação; conservação e telecomunicações.

Não mais numa avaliação do crescimento absoluto do nível de emprego, e sim por intermédio do índice acumulado, ao longo do período de 2000 a 2005 constata-se na Tabela 42, especificamente no conjunto de todas as empresas, melhores resultados para o comércio (143,30) e para a agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca (136,74), classificando-se na quinta posição a indústria, com um índice de 130,90. Já no conjunto das empresas financiadas, os três setores de maior destaque são: a agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca (230,17), serviços, 229,20 e, na terceira posição, a indústria com um crescimento da ordem de 101,06%.

É importante ressaltar, mais uma vez, que, tendo como referência toda a região Nordeste, a variação relativa do índice acumulado do estoque de emprego das empresas financiadas supera ao do total das empresas em 216,57%.

Tabela 42 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego do Total das Empresas e o das Empresas Financiadas pelo FNE, segundo os Setores de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2005

Sector de Atividade	Total das Empresas	Empresas Financiadas
Indústria	130,90	201,06
Construção Civil	111,88	142,04
Comércio	143,30	191,48
Serviços	131,39	229,29
Agricultura, Extr. Veg., Caça e Pesca	136,74	230,17
Administração Pública	132,84	—
Região Nordeste	132,77	203,74

Fonte: RAIS e BNB.

Diante dos números da Tabelas 43, fundamentam-se melhor os resultados mencionados anteriormente, posto que, considerando o fato de a setorialização feita pelo BNB agrupar os segmentos agricultura, agroindústria e pecuária, no setor agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca da RAIS, confirma-se a hipótese de o crescimento do nível de emprego estar correlacionado, de forma direta, com o volume de desembolso, na medida em que, conforme os números da Tabela 43, o referido setor alcança participação de 55,08%, seguido pela indústria, com representação de 21,97%. Por outro lado, o setor comércio tem a segunda menor participação relativa do aporte de desembolso, enquanto no tocante ao nível de emprego situa-se na penúltima posição no conjunto das empresas financiadas, e na primeira colocação, entre os vários setores de atividade econômica do mercado de trabalho como um todo.

Tabela 43 – Composição do Desembolso do FNE, segundo os Setores de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2005

Atividade Econômica	Frequência Relativa
Agricultura	25,19
Agroindústria	1,34
Comércio	4,22
Indústria	21,97
Infra-Estrutura	10,17
Pecuária	28,55
Serviços	8,56
Total	100,00

Fonte: BNB

A Tabela 44 apresenta o índice acumulado do estoque de emprego no período de 2000 a 2005. Fazendo-se uma análise intersetorial no tocante à melhor performance no mercado de trabalho, destaca-se a indústria, nos estados do Ceará (259,19), e Alagoas (266,19); o comércio, no Maranhão (240,67), e Sergipe (205,76); os serviços, no Piauí (217,46), e Bahia (257,88); e a agricultura, extrativa mineral, caça e pesca, onde se incluem as atividades de agroindústria e pecuária, sobressaem-se nos estados do Rio Grande do Norte (458,62), Paraíba (227,69) e Pernambuco (466,67).

A partir destes resultados é importante destacar que os dois maiores índices registrados no período de 2000 a 2005 são da atividade agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca, nos estados mencionados anteriormente e que, segundo as informações constantes na Tabela 43, a referida atividade responde por 55,08% de todo o aporte de desembolso efetivamente repassado ao longo do período mencionado, reforçando com isso a hipótese de que a aplicação dos investimentos do FNE tem relação direta com a geração de novos postos formais de trabalho.

Tabela 44 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego, de acordo com os Setores de Atividade Econômica e os Estados, segundo as Empresas Financiadas pelo FNE – Região Nordeste – 2000-2005

Estados	Setor de Atividade			
	Indústria	Comércio	Serviços	Agr. Extr.Veg.Caça Pesc (2)
Maranhão	114,30	240,67	214,78	184,53
Piauí	154,98	162,94	217,46	175,44
Ceará	259,19	161,69	213,24	203,00
R. G. do Norte	219,79	145,44	189,35	458,62
Paraíba	158,56	223,28	224,61	227,69
Pernambuco	174,48	271,82	317,42	466,67
Alagoas	266,19	168,94	182,63	66,67
Sergipe	164,80	205,76	179,41	89,84
Bahia	140,97	197,63	257,88	207,96
Total	201,06	191,48	229,90	230,17

Fonte: BNB.

Cotejando-se os resultados presentes nas Tabelas 43 e 44, assevera-se uma correlação direta entre a maior participação no aporte de desembolso e os valores mais expressivos no que se refere ao estoque acumulado de emprego, posto que na Tabela 43 destacam-se a agricultura, a agroindústria e a pecuária, segui-

dos pela indústria (21,97%) e a infraestrutura. Destarte, considerando que o setor infraestrutura agrega os segmentos defesa e segurança, atividades associativas, produção e distribuição de eletricidade, gás e água, reparação e conservação e telecomunicações, que, na verdade, incluem-se no setor serviços, admite-se que as três atividades econômicas mencionadas anteriormente recebem o maior volume de desembolsos e respondem pela maior pontuação do estoque acumulado do emprego em sete estados da região Nordeste, ou seja, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Bahia, Ceará e Alagoas.

Numa avaliação dos desembolsos do FNE, segundo os estados e as atividades econômicas (Tabela 45), confirma-se mais uma vez a relação direta entre os investimentos e a geração de emprego, na medida em que a agricultura, a agroindústria e a pecuária marcam a maior representação de desembolsos em todos os estados e, numa segunda posição a infraestrutura, no Piauí e Rio Grande do Norte, e a indústria, nos estados do Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Tabela 45 – Composição dos Desembolsos do FNE entre os Setores de Atividade Econômica, segundo os Estados do Nordeste – 2000-2005

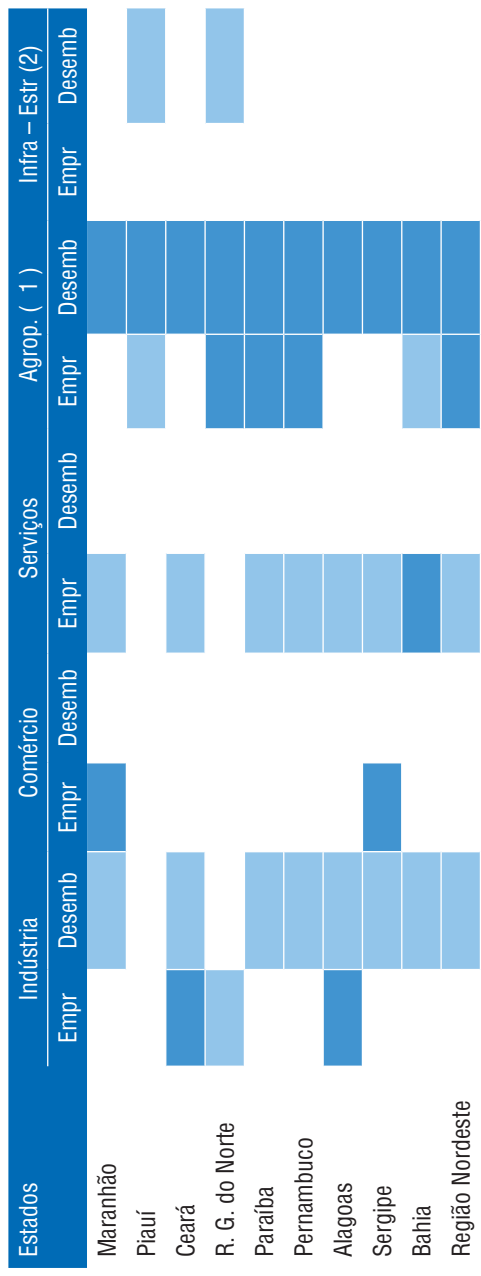
Estados	Setores de atividade econômica					Total
	Indústria	Comércio	Serviços	Infra-estrutura (1)	Agr. Estr. Veg., Caça e Pesca (1)	
Maranhão	27,94	4,76	1,75	—	65,55	100,00
Piauí	4,52	3,63	1,06	27,61	63,18	100,00
Ceará	31,85	3,61	17,54	14,77	32,23	100,00
R. G. do Norte	13,63	8,25	5,50	19,39	53,23	100,00
Paraíba	24,23	6,59	12,67	—	56,51	100,00
Pernambuco	28,22	4,86	6,61	9,46	50,85	100,00
Alagoas	28,24	5,20	2,28	—	64,30	100,00
Sergipe	21,23	7,19	10,95	—	60,63	100,00
Bahia	16,96	2,08	9,58	9,81	61,57	100,00
Região Nordeste	21,97	4,22	8,56	10,17	55,08	100,00

Fonte: BNB.

Nota 1: Incluem-se as atividades agricultura, agroindústria e pecuária.

Numa última verificação, apresenta-se a seguir o quadro-síntese que mostra, na célula mais escura, a primeira posição no tocante ao maior nível de emprego medido pelo índice acumulado no período de 2000 a 2005 (Tabela 44), ou de maior representação do valor do desembolso (Tabela 45), conforme as informações prestadas pelo BNB. Na mais clara, a segunda maior classificação das variáveis mencionadas. Inicialmente, tendo como referência os resultados para a região Nordeste, constata-se, inequivocamente, a hipótese da relação direta entre o aporte de desembolso e o maior nível de emprego, posto que os setores agricultura, agroindústria e pecuária classificam-se na primeira posição no tocante a esses indicadores. Numa análise do interior da matriz mencionada, atestam-se para os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco resultados em consonância com os da região Nordeste. Além dessas constatações, que corroboram a hipótese relativa aos impactos positivos dos investimentos na geração de emprego, destaca-se o fato de os estados do Piauí, Ceará e Alagoas apresentarem a primeira ou segunda posição, ou vice-versa, no tocante ao maior aporte de desembolso ou no que se refere aos mais elevados índices acumulados do estoque de mão-de-obra.

Em síntese, além do fato de a região Nordeste deter o maior aporte de desembolso no mesmo setor de atividade econômica, onde se constata a maior elevação do nível de emprego formal, confirma-se este mesmo cenário para seis dos nove estados que compõem a referida Região, ou seja, excluindo-se outros fatores de ordem econômica que devem ter contribuído para a boa performance do mercado de trabalho no período de 2000 a 2005, é inconteste o fato de os resultados específicos das empresas financiadas pelo FNE apontarem para o melhor desempenho no que se refere à geração de novos postos formais de trabalho em decorrência dos financiamentos.



Quadro 2 – Primeira e Segunda Posições de Maior Frequência do Índice Acumulado do Estoque de Emprego e da Variação do Desembolso – Estados do Nordeste – 2000-2004

Fonte: RAIS e BNB.

Nota 1: Incluem-se as atividades agricultura, agroindústria e pecuária.

Nota 2: Incluem-se as atividades de administração pública, defesa e seguridade; atividades associativas; produção e distribuição de eletricidade; gás e água; reparação e conservação e telecomunicações. É importante destacar que o FNE não repassa recursos para a administração pública.

Legenda: ■ Primeira posição ■ Segunda posição

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa primeira abordagem neste capítulo, tendo como referência a RAIS, do MTE, do período de 2000 a 2005, o estoque de pessoas ocupadas com algum vínculo empregatício, ou seja, os integrantes do setor formal da economia em todo o País evoluíram de 26.228.629 para 33.238.617 trabalhadores, resultando a geração de 7.009.988 novos postos de trabalho. Deste total, somente as regiões Sudeste, Nordeste e Sul absorvem 82,72%, restando para as demais a fração de 17,28%, isto é, 1.210.981 empregos. Focando apenas a região Nordeste, e ainda numa apuração absoluta dos resultados, destacam-se os estados da Bahia com 419.647 empregos; Ceará, 229.068 empregos, e Pernambuco com a geração de 212.519 postos de trabalho. Por outro lado, em termos de crescimento relativo, alteram-se os estados, sobressaindo-se o do Rio Grande do Norte, 42,89%; o do Maranhão, 40,51%, e o do Piauí, com variação de 35,71%. Numa análise setorial e considerando o saldo de 1.433.740 empregos para a região Nordeste, destacam-se a administração pública com 501.093 empregos; os serviços, 369.610 empregos, e o comércio, com um acréscimo de 272.194 novos empregos formais. Um resultado já esperado é que a indústria, que oferta empregos de melhor qualidade, responde apenas por 14,21% do estoque de emprego, reproduzindo 203.759 postos de trabalho.

Analisando-se especificamente o CAGED, atesta-se que dos 7.009.988 empregos registrados pela RAIS, 5.433.479, em todo o País, são com carteira assinada. Deste total, acumulam-se 4.038.736 postos de trabalho nas regiões Sudeste e Sul, restando para a região Nordeste, que detém a segunda maior força de trabalho do Brasil, 762.165 empregos com carteira assinada, ou seja, 14,03% do total. Dentre os estados do Nordeste, ressaltam-se, com melhor performance, a Bahia, o Ceará e Pernambuco, com um acumulado da ordem de 511.740 vínculos formais, isto é, 67,14% do excedente de pessoas admitidas sobre o número de desligados. Setorialmente, a extrativa mineral, a indústria de transformação, o comércio e os serviços foram as atividades que, em todos os anos do interstício de 2000 a 2005 apresentaram uma variação positiva do nível de emprego.

Mesmo diante do cenário favorável no que se refere ao crescimento do emprego, não se observa a mesma tendência para os rendimentos do trabalho, que continuam num comportamento descendente. De acordo com os números analisados, amplia-se de forma significativa o número de trabalhadores com rendimento máximo de 1,5 salário mínimo, evoluindo de 34,47% no ano de 2000 para 50,60% no de 2005, ou seja, um crescimento de 35,04%. Para aqueles que auferem mais de 20 salários mínimos, acusa-se, no período em questão, uma queda de participação que atinge 47,06%.

Dando prosseguimento à análise dos rendimentos do trabalho, na perspectiva de apontar as razões que justifiquem este comportamento, identifica-se, à luz dos salários

de admissão, que os jovens, considerados aqueles com idade de até 29 anos, são os que ingressam no mercado de trabalho com os menores salários, em comparação ao segmento dos adultos, ou seja, aqueles com idade superior a 29 anos. Para melhor ilustrar esta hipótese, a representação de jovens nas faixas acima de 1,5 salário mínimo, no ano de 2000, é de 31,81%, já no de 2005 essa representação declina para 24,28%, ou seja, um decréscimo de 23,67%. Procedendo-se o mesmo cálculo para o segmento dos adultos, registra-se uma evolução de 51,98% para 40,83% no período em questão, indicando um decréscimo de 21,33%.

Em síntese, admite-se que no período de 2000 a 2005 o mercado de trabalho evoluiu de forma satisfatória no tocante à geração de novos empregos formais, porém, no que se refere aos rendimentos do trabalho, constata-se que ao longo dos últimos anos distanciam-se da minoria dos ricos aqueles da chamada “classe média”, com a presença de pessoas que ingressam no mercado de trabalho mal remuneradas.

Na análise do impacto dos investimentos na geração de emprego, tendo-se como referência os valores absolutos do estoque de emprego, na diferença entre o total de 2005 e o de 2000, registra-se, no conjunto das empresas financiadas pelo BNB, um saldo de 83.845 postos formais de trabalho, e este crescimento, em comparação ao das empresas financiadas, reflete uma “variação relativa do estoque de emprego” superior em 115,77%, indicando com isso a melhor performance do nível de emprego nas referidas empresas.

Numa apuração do crescimento ano a ano do estoque de emprego, comparando-se os resultados das empresas financiadas com os daquelas não financiadas, apresenta-se na Tabela 22 uma matriz com 50 índices para cada um dos eventos mencionados, relativos ao período de 2001 a 2005. Nesse contexto, 34 índices da matriz das empresas financiadas apresentam valor superior ao das não-financiadas, nos respectivos estados e nos anos mencionados. Tendo como referência os valores nominais de desembolso para o período de 2001 a 2005, soma-se uma participação da ordem de 54,59%, ou seja, com uma representação um pouco acima de 54,00% do total dos investimentos aplicados é possível promover a geração significativa de empregos formais. Diante disso, seria importante para o BNB, dispor de uma matriz de atividades econômicas mais intensivas de mão-de-obra, numa avaliação para toda a região Nordeste, em nível de estado, na perspectiva de promover cada vez mais a geração de empregos formais como resultado da aplicação dos investimentos.

Um resultado que merece destaque e que confirma a importância de o BNB ter conhecimento de quais atividades econômicas na região Nordeste propiciam maior geração de emprego, é que o Estado do Ceará, numa análise do estoque de emprego, historicamente ocupa a terceira posição, ou seja, com um número de pessoas empregadas inferior, nesta ordem, ao dos estados da Bahia e Pernambuco, porém, tratando-se especificamente das empresas que receberam financiamento, o referido

Estado, em comparação aos demais da região Nordeste, no período de 2000 a 2005 manteve-se com o maior número de pessoas empregadas. Este resultado atribui-se, em hipótese, ao fato de o Ceará, no período em apreço, ter recebido o segundo maior aporte de investimento e que, no tocante à atividade econômica, a indústria destaca-se com participação de 40,63%, sobre o total dos valores de desembolso para as demais atividades.

Avaliando-se o índice acumulado do estoque de emprego por setor de atividade econômica, observa-se que os valores mais expressivos são o da agropecuária (191,61) e o da indústria, com índice de 179,07. Interagindo a evolução do nível de emprego e o suporte de desembolso, soma-se, para as atividades pertinentes ao setor primário (agricultura, agroindústria e pecuária), representação da ordem de 48,36%, e para a indústria, a fatia de 27,32%. Estes resultados apontam mais uma vez para o fato de o desempenho favorável do mercado de trabalho nas empresas financiadas estar em relação direta com o montante de investimentos, vistos a partir dos desembolsos efetivos, processados ano a ano pelo BNB.

No que se refere ao impacto dos investimentos do FNE, também se adota um grupo de controle formado pelo evento das empresas financiadas ao longo do período de 2000 a 2005. Nesse contexto, o crescimento relativo do emprego nas empresas que compõem o referido conjunto foi superior ao das empresas não-financiadas em 229,96% no interstício mencionado.

Tomando-se como referência um índice de base móvel do crescimento do estoque de emprego nas empresas financiadas, constata-se superioridade tanto no que se refere ao grupo das empresas não-financiadas quanto para o conjunto de todas as empresas ao longo do período de 2000 a 2005. Aplicando-se o referido índice no resultado dos vários estados da região Nordeste, forma-se uma matriz com 50 valores tanto para o conjunto das empresas que formam o grupo de controle quanto para o das empresas não-financiadas. Desse conjunto de índices, em 39 resultados, ou seja, em 70,00% dos casos, o nível de emprego nas empresas que formam o referido grupo supera o do conjunto das empresas não-financiadas, comprovando-se com isso o impacto dos investimentos na geração de emprego.

Numa análise por setor de atividade econômica, tendo como referência o índice acumulado do estoque de emprego, é notória, para todas as atividades, a superioridade dos índices das empresas financiadas, destacando-se a agricultura, a agroindústria e a pecuária, com crescimento de 130,17%; os serviços, que ascende 129,90%, e a indústria, com pontuação da ordem de 101,06%. Estes resultados, setorialmente coadunam-se com aqueles referentes à participação dos valores de desembolso em duas das atividades mencionadas, ou seja, na agricultura, na agroindústria, na pecuária e na indústria, que têm participação de, respectivamente, 55,08% e 21,97% no total

dos valores de desembolsos repassados ao longo do período de 2000 a 2005 para todos os estados da região Nordeste. Ainda com relação ao referido índice, setorialmente e identificando os valores por estado, destacam-se, com melhor performance, a indústria, no Ceará e Alagoas; o comércio, no Maranhão e Sergipe; os serviços, no Piauí e na Bahia; e a agricultura, agroindústria e pecuária, nos estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

Por fim, tendo-se como referência o índice acumulado do estoque de emprego relativo ao conjunto das empresas não-financiadas, que é de 131,44, e aquele pertinente a todas as empresas (132,77), aceita-se, a partir do cálculo da variação relativa dos referidos índices, que a presença das empresas financiadas pelo FNE, no conjunto de todas as empresas, contribui com 4,06% para o melhor desempenho do nível de emprego na região Nordeste e para todas as atividades econômicas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Cadastro Geral de Empregados e Desempregados: CAGED. Brasília, DF, [200-]. CD Rom.

_____. Relação Anual de Informações Sociais: RAIS. Brasília, DF, [200-].

DRAIBE, S. Avaliação de impactos: experiências metodológicas em políticas sociais no Brasil. In: WORKHOP BNDS/DFID/PNUD EVALUATION OF SOCIAL IMPACT, 2002, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: BNB, 2002.

FURTADO, C. Sem ciência social, economia é pura álgebra. Nossa História, p. 58-63, out. 2004. Entrevista.

PIRES, I. J. B. P. Conceitos e indicadores do mercado de trabalho: uma visão estatística. Fortaleza: RTM, 2003.

POCHMANN, M. A década dos mitos. São Paulo: Contexto, 2001.

STEVENSON, W. G. Estatística aplicada à administração. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994. v. 1.



**Banco do
Nordeste**



ÁREA DE LOGÍSTICA
Ambiente de Gestão dos Serviços de Logística
Célula de Produção Gráfica
OS 2009-06/3778 - Tiragem: 1500